

Revista Ave Maria

Ano 128 | Setembro 2026

VIVER É MEILHOR:

SETEMBRO AMARELO
E O DOM DE VIVER

REPORTAGEM

O Verbo está no meio de nós: Cristo se revela na Palavra, na Eucaristia e na vida

MÊS DA BÍBLIA

Como fazer a Lectio Divina?

IGREJA DIGITAL

A PASCOM e a inteligência artificial

Vestibular

2026.2



Graduação **Ead**

***Para a vida que
acontece agora***

**Flexível de
acordo
com a sua
rotina**



Claretiano 

Inscreva-se

claretiano.edu.br

O VOTO E A VINHA

Setembro encontra o Brasil a um mês das urnas. O país se prepara para uma eleição decisiva em meio a um cenário global conturbado: tensões geopolíticas, erosão da confiança nas instituições, desinformação generalizada. O ambiente político, dentro e fora do país, parece mais propenso ao grito do que ao diálogo, mais inclinado à condenação do que à escuta.

É nesse contexto que a liturgia deste mês oferece um contraponto silencioso, mas incisivo. Aborda temas que o debate público insiste em ignorar: a correção fraterna, o perdão sem medida, a gratuidade divina, a primazia das obras sobre as palavras. Não são temas novos, mas ganham urgência quando o país se prepara para escolher seus rumos.

A ideia de que somos responsáveis uns pelos outros, que o erro do outro não nos exime do dever de adverti-lo com caridade soa quase ingênua em tempos de linchamento virtual e cancelamento sumário, mas, é o que a tradição bíblica propõe: que a correção seja feita no particular, entre dois olhos, sem plateia. Quantas acusações nas redes sociais resistiriam a esse crivo?

O perdão, por sua vez, é apresentado não como fraqueza, mas como a única força capaz de romper o ciclo da violência. A parábola do servo implacável ecoa em cada campanha eleitoral em que adversários são tratados como inimigos a ser ani-

quilados, não como concidadãos com quem se discorda. Guardar rancor, diz o texto, é um peso que só cresce; já perdoar é o único alívio.

Há ainda a parábola dos operários da última hora, que incomoda nossa obsessão contemporânea por mérito e recompensa. Deus não distribui sua graça pela lógica do esforço humano. Os últimos podem chegar antes. Numa cultura obcecada por resultados e rankings, a gratuidade divina é um escândalo necessário.

Ao fim do mês, a pergunta decisiva: quem faz a vontade do Pai? O filho que disse “sim” e não foi ou o que disse “não” e depois foi? A resposta desmonta qualquer hipocrisia religiosa. De nada adianta ostentar o título de crente se o mandamento do amor aos irmãos é ignorado na prática.

A Exaltação da Santa Cruz e a memória de Nossa Senhora das Dores, celebradas em meados de setembro, lembram que o sofrimento não é castigo, mas caminho. Maria aos pés da cruz ensina que a confiança em Deus não se abala diante das adversidades, nem de uma eleição, nem de uma crise.

Ao aproximar-se das urnas em outubro, o eleitor é chamado a mais do que escolher um nome. É chamado a rejeitar a mentira, a perdoar adversários, a lembrar que a política, em seu sentido mais nobre, é serviço. O apóstolo escreveu certa vez que ninguém vive para si mesmo. O voto, afinal, também é uma forma de dizer para quem se vive. ●



Ave Maria

128 anos

Notas Marianas

SINAL DA CRUZ

Fazemos o sinal da cruz para lembrar que fomos salvos pela cruz de Cristo (cf. 1Jo 3,5; 4,10) e batizados em nome do Deus Trino: Pai, Filho e Espírito Santo (cf. Mt 28,19). É uma prática muito antiga da Igreja, pois já no século II Tertuliano recomendava: “Quando nos pomos a caminhar, quando saímos e entramos, quando nos vestimos, quando nos lavamos, quando iniciamos as refeições, quando vamos nos deitar, quando nos sentamos, nessas ocasiões e em todas as nossas demais atividades, persignamo-nos a testa com o sinal da cruz” (160-220 d.C.).

SUMÁRIO



MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR

5 A CAMINHADA COM MARIA

6 ESPAÇO DO LEITOR

REFLEXÃO BÍBLICA

8 O LIVRO DE DANIEL: ESPERANÇA E FIDELIDADE EM TEMPOS DE CRISE

10 ACONTECE NA IGREJA

SANTO DO MÊS

12 SÃO VICENTE DE PAULO

MÚSICA SACRA

14 INSTINTOS SONOROS

PADRE PIO

16 OS ESTIGMAS DE PE. PIO: O QUE TODO DEVOTO PRECISA SABER

CONCÍLIO VATICANO II

20 CONSTITUIÇÃO SACROSANCTUM CONCILIIUM: MARCO FUNDAMENTAL NA HISTÓRIA DA LITURGIA DA IGREJA CATÓLICA

ESPECIAL ANO CORDIMARIANO

22 O CORAÇÃO DE MARIA E A MATERNIDADE SOCIAL DA IGREJA

MÊS DA BÍBLIA

38 COMO FAZER A LECTIO DIVINA?

RELIQUÍAS CATÓLICAS

30 A SANTA CRUZ DE CARAVACA: HISTÓRIA DE DEVOÇÃO MILENAR

LANÇAMENTO

34 30 DIAS COM SÃO MIGUEL ARCANJO: UMA JORNADA DE PROTEÇÃO, BENÇÃOS E CONSAGRAÇÃO

REPORTAGEM

34 O VERBO ESTÁ NO MEIO DE NÓS: CRISTO SE REVELA NA PALAVRA, NA EUCARISTIA E NA VIDA

IGREJA DIGITAL

40 A PASCOM E A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

CRÔNICA

42 "SEU REINO JAMAIS SERÁ DESTRUÍDO!" (DN 7,14)

SANTUÁRIOS BRASILEIROS

52 BASÍLICA E SANTUÁRIO SÃO MIGUEL ARCANJO, SÃO MIGUEL ARCANJO (SP)

54 PALAVRA DO PAPA

CATEQUESE

56 A PSICOPEDAGOGIA CATEQUÉTICA NA ADOLESCÊNCIA TARDIA

DESCOMPLICANDO A FÉ CATÓLICA

58 POR QUE A BÍBLIA CATÓLICA TEM 73 LIVROS?

JUVENTUDE

60 SENTIR E NÃO CONSENTIR: EIS O SEGREDO DE UMA VIDA CASTA!

SAÚDE

62 PRECISAMOS FALAR SOBRE O SUICÍDIO!

RELAÇÕES FAMILIARES

64 A FAMÍLIA CRISTÃ À LUZ DA PALAVRA DE DEUS SE TORNA UM FAROL DO EVANGELHO, E CADA MEMBRO, UM MISSIONÁRIO ATIVO NA SALVAÇÃO DO MUNDO

VIVA MELHOR

66 ALIMENTAÇÃO RICA EM VITAMINAS AJUDA A FORTALECER A IMUNIDADE

EVANGELIZAÇÃO

68 O REINO DE DEUS

70 SABOR & ARTE NA MESA

Ave Maria

Direção Administrativa

Rodrigo Godoi Fiorini

Direção Editorial

Luís Erlin (MTB 52736/SP)

Gerência Editorial

Álison Henrique Monte

Editor Assistente

Isaías Silva Pinto

Projeto Gráfico

Rodrigo Henrique da Silva

Diagramação

Fabio Fernando Torrezan

Correspondências

Rua Martim Francisco, 636, São Paulo, SP, 01226-000, revista@avemaria.com.br

Anúncios

Thiago Alves, Tel.: (11) 3823-1060
divulgacao.revista@avemaria.com.br

Produção Editorial



Conselho Editorial

Álison Henrique Monte,
Isaías Silva Pinto, Pe. Luís Erlin, Pe.
Rodrigo Fiorini, Sérgio Fernandes, Caio
Vieira, Thiago Alves e Valdecio Toledo.



Revista Ave Maria é uma publicação mensal da Editora Ave-Maria (CNPJ 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 1980-7872, pertencente à Congregação dos Missionários Claretianos.



A Editora Ave-Maria faz parte do Grupo de Editores Claretianos (Claret Publishing Group). Bangalore; Barcelona; Buenos Aires; Chennai; Colombo; Dar es Salaam; Lagos; Macau; Madri; Manila; Owerri; São Paulo; Varsóvia; Yaoundé.

Imagem da capa

Magnific

f /revistaavemaria

@revistaavemaria

revistaavemaria.com.br

A CAMINHADA COM MARIA

♦ Pe. Brás Lorenzetti, cmf ♦

Você já pensou em organizar o seu ano imitando as virtudes marianas por meio das solenidades e festas, memórias? É uma proposta interessante se pensamos, por exemplo, em aprender, de cada comemoração da Virgem Maria, uma lição de vida.

Se fizermos um pequeno esforço e procurarmos no calendário as comemorações marianas, encontraremos ricas motivações para nossas vidas e dia a dia.

Santa Maria, Mãe de Deus é a primeira solenidade, do primeiro dia do ano, e nos faz contemplar um título atribuído à mãe de Jesus, filho de Deus, portanto, Mãe de Deus. A cada Ave-Maria e Santa Maria, em vez de dizer, “Santa Maria, Mãe de Jesus, verdadeiro homem e verdadeiro Deus”, dizemos “Santa Maria, Mãe de Deus”. Dessa festividade aprendemos que Deus, ao mesmo tempo em que causa medo e pavor nos grandes da Terra, escolhe os simples e pobres para se manifestar.

Na sequência, temos a solenidade da Apresentação do Senhor aos Reis Magos, pagãos, que, no entanto, procuraram o Menino para adorá-lo. A celebração consegue mexer com os grandes, os governantes das nações, como o rei Herodes e os magos. O evangelista Mateus destaca a presença de Maria, enquanto José não é citado. Maria aqui é a cuidadora do Menino, apresentado aos governantes das nações pagãs, isto é, Jesus é apresentado ao mundo. Apresentar-se ao Senhor é uma tarefa diária: “Senhor, estou aqui para te servir!” ou “Senhor, orienta hoje minha vida e meus passos!”.

Além da apresentação e resgate de Jesus, Maria também vai ao templo para se purificar da impureza legal pelo nascimento de um filho homem. Toda mulher deve ser purificada quarenta dias após o parto, pois o filho primogênito, tanto de homens como de animais, devia ser consagrado por pertencer ao Senhor. Neste ano jubilar, a nossa purificação consiste em uma boa confissão e



Imagem: Paolo Shtalzer / Pexels

a busca de crescimento na espiritualidade como “peregrinos da esperança”. Esse também pode ser um propósito para este ano: fazer uma peregrinação cultivando a esperança, a exemplo de Maria, que em nenhum momento se queixou ou reclamou de sua falta de recursos para educar o seu filho.

De acordo com Lucas, Maria, por ser a mãe de Jesus, terá momentos de profundo sofrimento, simbolizados pela “espada de dor que atravessaria sua alma”. O futuro se confirmou, como predito por Simeão. Dessa cena aprendemos que o sofrimento pode fazer parte de nossas vidas e estar, inclusive, nos planos de Deus. A lição é que podemos tornar o sofrimento redentor, assim como foi o de Jesus.

No próximo mês continuaremos com este breve comentário sobre as festas marianas e suas lições no calendário litúrgico.●

POR ONDE COMEÇAR A LER A BÍBLIA?

♦ Da Redação ♦

A Bíblia reúne 73 livros, escritos em diferentes épocas e estilos. Por isso, seguir um plano de leitura pode ajudar a compreender melhor a história da salvação e a mensagem de cada livro.

O percurso pode começar pela Primeira Carta de São João, que apresenta o amor de Deus e fortalece a certeza de que somos amados e escolhidos por Ele. Depois, recomenda-se seguir a ordem abaixo.

Plano de leitura do Novo Testamento

1. Primeira Carta de São João, duas vezes;
2. Evangelho de São João;
3. Evangelho de São Marcos;
4. Cartas aos Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses;
5. Primeira e Segunda Cartas aos Tessalonicenses;
6. Primeira e Segunda Cartas a Timóteo;
7. Cartas a Tito e Filêmon;
8. Evangelho de São Lucas;
9. Atos dos Apóstolos;
10. Carta aos Romanos;
11. Evangelho de São Mateus;
12. Primeira e Segunda Cartas aos Coríntios;
13. Carta aos Hebreus;
14. Carta de São Tiago;
15. Primeira e Segunda Cartas de São Pedro;

16. Segunda e Terceira Cartas de São João;
17. Carta de São Judas;
18. Apocalipse;
19. Primeira Carta de São João, pela terceira vez;
20. Evangelho de São João, pela segunda vez.

Depois de concluir o Novo Testamento, inicia-se a leitura do Antigo Testamento. Durante esse percurso, também é recomendável estudar e rezar com os Salmos.

Plano de leitura do Antigo Testamento

1. Gênesis;
2. Êxodo;
3. Números;
4. Josué;
5. Juízes;
6. Primeiro Livro de Samuel;
7. Segundo Livro de Samuel;
8. Primeiro Livro dos Reis;
9. Segundo Livro dos Reis;
10. Amós;
11. Oseias;
12. Isaías, capítulos 1 a 39;
13. Miqueias;
14. Naum;
15. Sofonias;
16. Habacuc;

17. Jeremias;
18. Lamentações;
19. Ezequiel;
20. Abdias;
21. Isaías, capítulos 40 a 55;
22. Primeiro Livro das Crônicas;
23. Segundo Livro das Crônicas;
24. Esdras;
25. Neemias;
26. Ageu;
27. Zacarias;
28. Isaías, capítulos 56 a 66;
29. Malaquias;
30. Joel;
31. Jonas;
32. Rute;
33. Tobias;
34. Judite;
35. Ester;
36. Eclesiástico;
37. Cântico dos Cânticos;
38. Jó;
39. Eclesiastes;
40. Primeiro Livro dos Macabeus;
41. Segundo Livro dos Macabeus;
42. Baruc;
43. Daniel;
44. Sabedoria;
45. Levítico;
46. Deuteronômio.

Mais importante do que ler rapidamente é manter a constância, reservar um momento para a oração e permitir que a Palavra de Deus ilumine a vida cotidiana.

Tivemos ajuda do Pe. Jonas Abib com seu método de estudo bíblico. ●

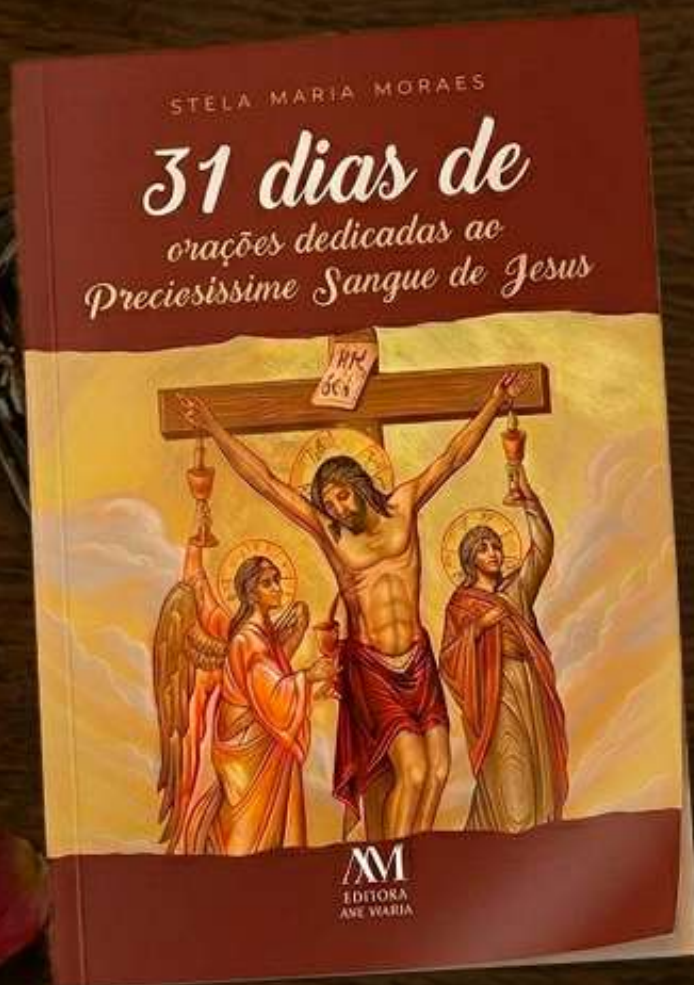


QUEREMOS SABER A SUA OPINIÃO
Envie uma mensagem pelo nosso site ou uma carta para:
Rua Martim Francisco, 636, 2º andar,
Santa Cecília, São Paulo, CEP 01226-002

Imagem: eJesur / Pexels

O Sangue que Cura, Protege e Liberta

Um devocionário com 31 dias de orações
dedicadas ao Preciosíssimo Sangue de Jesus,
fonte de graça, proteção e renovação espiritual.



Stela Maria Moraes

ACESSE O SITE AVEMARIA.COM.BR E
NOSSAS REDES SOCIAIS PARA SABER MAIS



LIVRO DE **DANIEL**

**ESPERANÇA E
FIDELIDADE EM
TEMPOS DE CRISE**

OMês da Bíblia de 2026, promovido pela Igreja Católica no Brasil, tem como tema o Livro de Daniel, iluminado pelo lema “Seu reino jamais será destruído” (Dn 7,14). A escolha convida as comunidades a rerelem um dos escritos mais significativos do Antigo Testamento, cuja mensagem permanece atual diante das crises políticas, culturais e religiosas de cada época.

Redigido no século II a.C., durante a perseguição imposta por Antíoco IV Epífanes, o livro procura fortalecer a fé dos judeus submetidos à violência e à tentativa de apagar sua identidade religiosa. Embora ambientadas no exílio babilônico e tendo Daniel como protagonista, as narrativas respondem aos desafios enfrentados por uma geração posterior, reafirmando que a história continua nas mãos de Deus.

O livro apresenta duas grandes seções. Nos capítulos 1 a 6, encontram-se os relatos da corte da Babilônia: a recusa dos alimentos impuros, a libertação dos jovens da fornalha, a escrita misteriosa no palácio de Belsazar e Daniel na cova dos leões. Mais do que narrativas edificantes, esses episódios testemunham que a fidelidade a Deus independe das circunstâncias nem do lugar onde se vive. Os capítulos 7 a 12 introduzem o leitor na linguagem apocalíptica. Por meio de símbolos e visões, anunciam o fim dos impérios que dominam a história e

proclamam a vitória definitiva do Reino de Deus.



**O eixo da obra
é a soberania
divina. Os impérios
se sucedem, os
governantes
exercem poder e
parecem decidir o
destino das nações,
mas sua autoridade
é transitória**



Daniel recorda que “o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens” (Dn 4,17). Em um tempo marcado pela absolutização da política, pela disputa de poder e pela insegurança diante do futuro, essa afirmação recorda aos que creem que a primeira e a última palavra pertencem a Deus.

A fidelidade diante das pressões culturais constitui outro traço marcante do livro. Daniel e seus companheiros recebem novos nomes, educação e costumes, numa tentativa de assimilação completa. Ainda assim, preservam a própria identidade religiosa. A resposta dos três jovens diante da ameaça da fornalha sintetiza essa confiança: “Se nosso Deus pode livrar-nos, Ele nos livrará. Mas, se não, não serviremos aos teus deuses” (Dn 3,17-18). A fidelidade não nasce da certeza do milagre, mas da certeza de quem é Deus.

A visão do “Filho do Homem” (Dn 7,13-14) amplia esse horizonte ao anunciar um Reino eterno, que não será destruído. A tradição cristã reconheceu nessa passagem um anúncio de Jesus Cristo, cuja missão inaugura o Reino definitivo prometido nas Escrituras.

Também para a vida da Igreja, Daniel permanece uma referência. Sua perseverança na oração, mesmo sob ameaça de morte, mostra que a intimidade com Deus sustenta a resistência diante das adversidades. Seu discernimento nasce da escuta da Palavra e sua caminhada ao lado de Ananias, Misael e Azarias recorda que a fidelidade é fortalecida na vida comunitária.

Essa espiritualidade continua presente na liturgia, especialmente no Cântico dos Três Jovens (cf. Dn 3,52-90), em que toda a criação é convidada a bendizer o Senhor. No mês da Bíblia de 2026, a leitura de Daniel oferece às comunidades uma oportunidade de renovar a confiança naquele que conduz a história. Diante das mudanças e incertezas do presente, permanece atual a convicção que atravessa todo o livro: os reinos humanos passam, mas o Reino de Deus permanece para sempre. ●

Referências

FERNANDES, Leonardo Agostini. *Livro de Daniel: esperança em tempos de perseguição*. Brasília: Edições CNBB, 2026.
GRENZER, Matthias. *Daniel: esperança em meio à perseguição*. São Paulo: Paulinas, 2025.

LEÃO XIV PEDE VALORIZAÇÃO DA LITURGIA NA FORMAÇÃO CRISTÃ

Em mensagem à 76ª Semana Litúrgica Nacional da Itália, o Papa destacou a unidade entre catequese e celebração na iniciação à vida cristã

O Papa Leão XIV pediu que o valor da liturgia seja fortalecido e, quando necessário, recuperado na formação cristã. A orientação foi apresentada em mensagem enviada aos participantes da 76ª Semana Litúrgica Nacional, realizada de 24 a 27 de agosto, em Catânia, na Itália.

Assinado pelo secretário de Estado da Santa Sé, cardeal Pietro Parolin, o texto recorda que a iniciação cristã não deve ser compreendida apenas como preparação para os sacramentos, mas como o caminho pelo qual a comunidade gera a fé e introduz os fiéis na vida pascal.

Segundo a mensagem, catequese e celebração devem permanecer unidas. É na liturgia que o mistério de Cristo alcança as pessoas, transforma suas vidas e as faz nascer como novas criaturas.

O Pontífice também ressaltou a importância de ensinar os fiéis a compreender e vivenciar os gestos litúrgicos. Em catequese realizada em 3 de junho, Leão XIV afirmou que os ritos não são simples cerimônias exteriores, mas a media-

ção da Igreja pela qual o dom de Deus chega aos fiéis.

A mensagem destaca ainda que a liturgia é um lugar privilegiado para escutar e compreender a Palavra de Deus. Por isso, esse patrimônio deve ser apresentado a quem percorre os caminhos da iniciação cristã, para que a fé celebrada no altar produza frutos de bondade, reconciliação e paz.●

Fonte: com informações de ACI Digital.



Imagem: Vatican News / Vatican Media

MANTO OFICIAL DO CÍRIO DE NAZARÉ 2026 ENTRA NA FASE FINAL DE CONFECÇÃO

Inspirada no tema “Maria, missionária que nos dá Jesus”, a peça será apresentada no dia 8 de outubro, na Basílica Santuário de Nazaré

O manto que vestirá a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Nazaré durante o Círio 2026 está na fase final de confecção. A peça será apresentada oficialmente no

dia 8 de outubro, na Basílica Santuário de Nazaré, em Belém (PA).

Criado e confeccionado pelo estilista Artur Maciel, o manto começou a ser produzido durante a Semana Santa. O convite para desenvolver a peça foi feito em 4 de fevereiro pelo casal coordenador do Círio, Antônio Sousa e Rosa Sousa.

Para o estilista, a missão representa a realização de um sonho aguardado há quatro décadas. “Foram quarenta anos até que eu viesse a receber esta graça, por meio da intercessão de Maria”, afirmou.

Inspirado no tema “Maria, missionária que nos dá Jesus”, o manto busca expressar a simpli-

cidade de Nossa Senhora e a sua missão de conduzir os fiéis ao encontro de Cristo. Além de vestir a Imagem Peregrina, a peça transmite a mensagem evangelizadora do Círio e reforça a devoção do povo paraense a Nossa Senhora de Nazaré. A tradição do manto está ligada à própria origem do

Círio. Com diferentes formatos e materiais ao longo do tempo, sua confecção tornou-se uma das expressões mais significativas de fé, gratidão e amor a Nossa Senhora de Nazaré.●

Fonte: com informações de Gaudium Press.

FASE DIOCESANA DO PROCESSO DE BEATIFICAÇÃO DO PADRE LÉO É CONCLUÍDA

Documentos reunidos desde a abertura da causa, em 2020, foram lacrados durante sessão solene realizada na Comunidade Bethânia.

A fase diocesana do processo de beatificação do Servo de Deus padre Léo foi encerrada em 21 de junho de 2025, na Comunidade Bethânia, em São João Batista (SC). Uma sessão solene marcou o fechamento e o lacre da documentação reunida desde 2020, quando a causa foi iniciada.

Após a sessão, uma Santa Missa foi presidida pelo arcebispo de Florianópolis, Dom Wilson Tadeu Jönck, responsável pela condução dessa etapa do processo.

Durante a homilia, Dom Wilson afirmou que a santidade não é uma conquista pessoal, mas a manifestação de Deus na vida de alguém. Segundo o arcebispo, padre Léo revelou o amor de Deus por meio de sua trajetória e buscou viver em profunda sintonia com esse amor. O arcebispo também recordou a atenção dedicada



Imagem: bethania.com.br

pelo sacerdote às pessoas mais necessitadas, especialmente aos dependentes químicos. Padre Léo ajudava aqueles que encontrava a reconhecer o amor de Deus e a buscar forças para superar vícios, fragilidades e situações que feriam a dignidade humana.

Dom Wilson destacou ainda a personalidade irreverente, inquietada e bem-humorada do sacerdote, sempre colocada a serviço da evangelização. Também lembrou sua última pregação na Canção Nova, durante o Hosana Brasil de 2006, quando, mesmo debilitado pela doença, padre Léo deixou um testemunho marcante de fé e união com Deus.●

Fonte: com informações de Canção Nova Notícias.



ESTANDARTE

Faça um estandarte para o(a) padroeiro(a) da sua comunidade: **um jeito diferente e alegre para a sua Igreja e procissão!**

Você escolhe o tamanho e a estampa do(a) santo(a) padroeiro(a) e nós fizemos o estandarte para você!

Entre em contato para mais informações:

Leonardo Rodrigo

☎ (31) 98344-4005
✉ lrsds76@gmail.com



27 DE SETEMBRO



Imagem: Simon François de Tours / Wikipedia

SÃO VICENTE DE PAULO

SACERDOTE E FUNDADOR
DOS LAZARISTAS
(1581–1660)

“N ão conseguir ver uma pessoa sofrer sem que se sofra com ela; vê-la chorar sem chorar com ela... É um ato do amor que faz compenetrar os corações um dentro do outro e sentir aquilo que o outro sente, bem diferente do agir dos homens que não experimentam sentimento algum ao ver o tormento dos aflitos e o sofrimento dos pobres. (...) Ser cristão e ver o próprio irmão sofrer sem sofrer com ele, sem estar doente com ele, significa não ter piedade, ser cristão apenas de nome” (SÃO VICENTE DE PAULO *apud* LUBICH, 1994, p. 92–93).

O carisma deste gigante da caridade é o amor concreto que enfrenta os problemas e os resolve, não por espírito de filantropia, mas porque vê em quem sofre o próprio Jesus que lhe repete: “Tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber...” (Mateus 25,31ss).

Vicente nasceu no dia 24 de abril do ano de 1581, perto de Pouy, na Gasconha, de uma família de pobres camponeses. Embora dotado de uma grande inteligência, até os 15 anos não fez outra coisa senão conduzir à pastagem as poucas ovelhas e os poucos porquinhos para ajudar a família a ir levando a vida.

Um advogado da região de Dax, impressionado com o talento do jovem, falou com os pais, dizendo-lhes que era um pecado não fazê-lo estudar e ofereceu-se para pagar-lhe as despesas. Uma providência inesperada e uma grande esperança para o futuro da família. Vicente, por sua vez, não esperava outra coisa e lançou-se sobre os livros com todo o empenho.

Naqueles tempos e naquela região, estudar significava encaminhar-se para a carreira eclesiástica, na esperança de agarrar-se o mais rápido possível em uma boa renda. Vicente estudou durante três anos no colégio dos padres franciscanos de Dax; depois tornou-se clérigo e, com a ajuda de seu patrono e com a venda de um par de bois da parte do pai, inscreveu-se na universidade de Toulouse.

Aos 19 anos, conseguiu fazer-se ordenar sacerdote pelo bispo de Périgueux e continuou os estudos até tornar-se bacharel em teologia. Esperava obter um bom ganho tornando-se pároco, mas não o conseguiu. No entretanto, perdeu o pai e, para ajudar a família, abriu uma escola particular sem grande sucesso; ao contrário, sobrecarregou-se de dívidas.

Nesse período, inseriu-se a história, por ele mesmo narrada: enquanto viajava de Marseille a Narbonne, foi aprisionado por piratas turcos e foi vendido como escravo em

Tunis, tornando-se servo de um frade que por amor ao dinheiro se fez mulcmano. Vicente o convenceu a voltar atrás e juntos fugiram em uma embarcação leve para a França. Em Avignon, o frade fez sua abjuração nas mãos do delegado pontifício, Pedro Montório, e os três partiram para Roma.

Na realidade, o bravo clérigo, segundo alguns, havia administrado de modo falimentar um pensionato que lhe foi confiado em Toulouse e havia fugido carregado de dívidas, dilapidando a herança de uma rica senhora e vendendo um cavalo que tomou como empréstimo. A comovente história africana, sempre de acordo com esta versão, servia para fazer-lhe perdoar os débitos e permitir-lhe, após ter ficado dois anos escondido, tentar um novo trabalho.

Como a carta em que Vicente narra essa aventura é autógrafa, outros historiadores autorizados consideram-na verdadeira. Certamente, até este momento, Vicente não era uma relíquia de santo e o demonstra o fato de que, após um ano de permanência em Roma, voltou a Paris em busca de fortuna.

Com efeito, conseguiu alistar-se entre os capelães da corte, porém com um estipêndio de fome, que apenas lhe permitia sobreviver sem poder ajudar sua pobre mãe, que se tornara viúva. Finalmente, em 1612, foi nomeado pároco nas proximidades de Paris.

Contava já com 31 anos de idade e, impressionado com a vida de oração de alguns de seus paroquianos, deixou de lado as preocupações materiais e de carreira, e começou a ensinar o catecismo, a visitar os doentes e a ajudar os pobres. O contato com a vida real reabriu-lhe o coração à oração e à meditação da palavra de Deus. Se os paroquianos foram seus primeiros mestres com sua vida, o instrumento de que a

providência se serviu para operar nele uma profunda transformação foi Pedro de Bérulle que, o acolhendo em seu Oratório, o formou em uma profunda espiritualidade.

Estava dando os primeiros passos nesta nova vida, quando de Bérulle o aconselhou a aceitar o encargo de preceptor junto à família de Filipe Emanuel dei Gondi, general das galeras régias. Vicente aceitou e foram quatro anos difíceis, tendo de lutar duramente para perseverar em uma escolha de vida verdadeiramente evangélica. Abriam-se diante dele dois caminhos: o da carreira, com a possibilidade de ganhar dinheiro e fazer seu pé-de-meia, e a do serviço aos pobres, com uma vida cada vez mais semelhante à do Mestre.

Vivendo no castelo de seus senhores, foi-lhe possível verificar com os próprios olhos que havia na França dois estilos de vida: o dos ricos, que gozavam neste mundo dos bens da terra e esperavam gozar no outro os bens celestes; e o dos pobres que, depois de uma vida infeliz neste vale de lágrimas, imaginavam encontrar interceptada também a porta do céu, devido à sua ignorância e aos vícios em que muitas vezes a miséria os afundava.

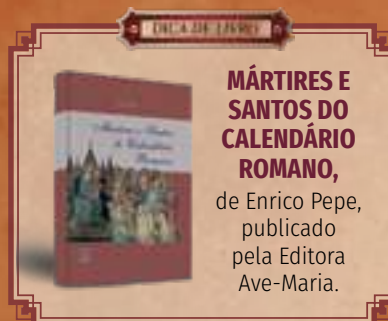
A senhora Gondi também compartilhava as preocupações do seu capelão e ofereceu uma soma de dinheiro àqueles religiosos que, a cada cinco anos, quisessem pregar uma missão às massas camponesas de suas terras. Ninguém se apresentou e Vicente, assustado com uma tarefa tão desmedida, abandonou o castelo sem tampouco avisar os patrões.

Os oratorianos de Bérulle, que alimentavam uma grande confiança

nesse padre inquieto, ofereceram-lhe a possibilidade de exercer o seu ministério em uma nova paróquia do campo em Châtillon-les-Dombes. Aí começou a revelar-se o carisma vicentino. Ele próprio gostava de contar este humilde começo.

Certo domingo, enquanto me vestia para celebrar a missa, vieram me dizer que em uma casa isolada das outras, a um quarto de légua de lá, estavam todos doentes, e em estado de necessidade indescritível. Fui com isso dolorosamente atingido e na pregação não deixei de recomendá-los com afeto... Depois das vésperas, tomei comigo um bom homem, burguês da cidade, e nos pusemos juntos a caminho para ir lá. Pela estrada, encontramos mulheres que nos ultrapassavam, outras que voltavam atrás... Havia tantas que me faziam pensar em uma procissão.... (SÃO VICENTE DE PAULO *apud* BARGELLINI, 1988, p. 541)

Vicente fez então esta consideração: “Hoje estes pobrezinhos terão mais que o necessário; dentro de alguns dias, estarão novamente em necessidade!”. O que fazer? “Eu propus” – continua o santo – “a todas aquelas boas pessoas, que a caridade havia inspirado, que cada qual se encarregasse de um dia, para trabalhar pela vida também de quem isso viesse acontecer depois” (SÃO VICENTE DE PAULO *apud* BARGELLINI, 198.●)



◆ Ricardo Abrahão ◆

São Gregório Magno soube fazer do canto a maior arte e ciência na escola da oração. 🟡



OS ESTIGMAS DE PE. PIO:

O QUE TODO DEVOTO PRECISA SABER

♦ Da Redação ♦

Poucos fenômenos na história da Igreja Católica são tão intrigantes e fascinantes quanto os estigmas — as chagas da Paixão de Cristo reproduzidas no corpo de alguns santos. Entre todos os estigmatizados, nenhum foi tão estudado, amado e controverso quanto Padre Pio de Pietrelcina. Seus estigmas marcaram não apenas seu corpo, mas a história da Igreja no século XX, atraindo multidões, despertando dúvidas e provocando profundas reflexões sobre a natureza do sofrimento e da santidade.

Assista ao filme “O Mistério de Padre Pio” e conheça agora mesmo a história do primeiro sacerdote estigmatizado da história.

AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DOS ESTIGMAS DE PADRE PIO

A história começa em 7 de setembro de 1910, na Piana Romana. Padre Pio, então com 23 anos, estava em oração quando teve uma visão de Jesus e Maria. Durante o êxtase, sentiu uma dor intensa nas palmas das mãos e percebeu pequenas manchas vermelhas do tamanho de uma moeda.

Esses sinais, no entanto — as primeiras “sombras” dos estigmas — desapareceram após alguns dias, sem deixar cicatrizes. Por vergonha, Padre Pio tentou ocultar tudo, usando luvas ou as mangas do hábito para esconder as mãos.

Um ano depois, em 7 de setembro de 1911, as marcas reapareceram, mas desta vez de forma dolorosa e persistente. Foi então que Padre Pio decidiu revelar o ocorrido a seus superiores, procurando o arcepreste don Panullo e mostrando-lhe o que pareciam ser feridas de punção. Panullo, impressionado, recomendou que ele fosse examinado.

O primeiro diagnóstico foi de tuberculose cutânea, mas o médico Dr. Andrea Cardone rejeitou a hipótese: as feridas pareciam atravessar as mãos de fora a fora e não apresentavam características de nenhuma doença conhecida. Essas primeiras manifestações, mesmo depois de examinadas, desapareceram novamente — um mistério que deixava claro que um fenômeno incomum estava acontecendo.

O MARCO DE 1918: OS SINAIS SANGRENTOS DA PAIXÃO

Foi apenas em 20 de setembro de 1918, em San Giovanni Rotondo, que as chagas se tornaram permanentes. Padre Pio teve uma visão de uma “Misteriosa Figura”, que depois identificou como Cristo, gotejando sangue das mãos, dos pés e do lado. Ele descreveu ter sentido como se fosse morrer de susto. Ao recobrar os sentidos, viu em seu corpo os sinais sangrentos da Paixão.

Para ele, aquilo não era uma honra, mas um chamado. “Uno-te à minha Paixão”, teria dito o Senhor. Padre Pio passou a se ver como uma “vítima do amor divino”, convidado a sofrer com Cristo para colaborar na salvação das almas.

COMO ERAM OS ESTIGMAS DE PADRE PIO?

As estigmas de Padre Pio impressionavam por vários aspectos:

Localização: mãos, pés e lado —exatamente como as chagas de Cristo.

Aparência: as mãos apresentavam feridas circulares de cerca de 1 cm, algumas cobertas por crostas de sangue seco. A do lado era um corte que, constantemente, umedecia o curativo.

Sangramento: às vezes gotejava sangue em profusão, especialmente na Quaresma. Seu pijama frequentemente ficava manchado de vermelho.

Dor: Padre Pio afirmava que elas doíam, sobretudo nas noites de quinta e sextas-feiras, em sintonia com a Paixão de Cristo.

Fragrância: o sangue exalava um perfume descrito como “aroma do Paraíso”, percebido até por pessoas que tinham problemas com o olfato.

Fenômenos físicos: rumores apontavam que seu corpo atingia temperaturas altíssimas, chegando a quebrar termômetros.

INVESTIGAÇÕES MÉDICAS E CONTROVÉRSIAS

As chagas de Padre Pio foram objeto de inúmeros exames e polêmicas, inclusive gerados por membros da Santa Igreja. Alguns médicos, como o Dr. Andrea Cardone e o Dr. Giorgio Festa, chegaram a descrevê-las como de origem inexplicável. Outros, como o Dr. Amico Bignami, afirmavam que eram superficiais, uma vez que radiografias realizadas em 1954 não mostraram anomalias ósseas.

Mesmo diante de diversas investigações médicas e de todo o sofrimento causado por esses estigmas, não faltaram suspeitas. Alguns sugeriram que Padre Pio teria usado ácido carbólico para produzir artificialmente as feridas. Ele admitiu ter solicitado o produto, mas para desinfetar seringas, negando qualquer fraude.

Críticas mais severas vieram de figuras como Pe. Agostinho Gemelli, que o considerava “psicopata”, e do Mons. Maccari, cujo relatório para o Santo Ofício o acusava de dupla vida. No entanto, a Igreja jamais emitiu uma condenação definitiva. Quando os estigmas de Padre Pio começaram a atrair multidões de fiéis do mundo inteiro — fazendo muitos deles cortarem pedaços de suas roupas em busca de milagres, o Vaticano impôs algumas restrições, mas com o propósito de conter o fanatismo popular, e não necessariamente desmascarar uma fraude.

COMO A IGREJA CATÓLICA EXPLICA OS ESTIGMAS DE PADRE PIO?

A Igreja nunca emitiu uma explicação científica definitiva para os estigmas de Padre Pio — e talvez justamente aí resida sua força espiritual. Para a fé

Imagem: Plácido Bux / Wikipédia

católica, os estigmas não são apenas um fenômeno físico, mas um sinal místico: uma participação real na Paixão de Cristo. O próprio Padre Pio entendia suas chagas como um chamado a sofrer em união com Jesus pela conversão das almas.

Os Papas tiveram diferentes posturas ao longo do tempo. Bento XV o chamava de “homem de Deus” e via nele um sinal da presença divina. João XXIII, mais cauteloso, chegou a considerar os relatos sobre ele preocupantes, após investigações que levantaram suspeitas. Mas foi São João Paulo II quem, anos depois, reconheceu publicamente o valor espiritual do frade, chamando-o de “imagem viva do Cristo sofredor” e dando início ao seu processo de canonização.

No fim, a posição oficial da Igreja é de reconhecimento: os estigmas de Padre Pio são aceitos como autênticos, não apenas por sua constância ao longo de 50 anos, mas porque deram frutos espirituais abundantes — conversões, confissões e uma renovada devoção à Eucaristia. Mais do que provar algo para a ciência, a Igreja os lê como um sinal de que o sofrimento pode ser redentor e capaz de salvar almas quando unido ao de Cristo.

O DESAPARECIMENTO DOS ESTIGMAS

Curiosamente, próximo de sua morte, as chagas começaram a desaparecer. Na primavera de 1968, restavam apenas crostas esmaecidas. No dia 23 de setembro, quando faleceu, seu corpo estava intacto, sem qualquer cicatriz, como se nunca tivesse carregado as chagas por cinquenta anos. Para muitos, isso foi o último milagre: o sinal desapareceu porque a missão estava cumprida.

Padre Pio foi examinado, questionado, acusado e, por fim, venerado. Os estigmas que marcaram seu corpo permanecem um mistério aberto, mas também um convite.

Como escreveu um de seus biógrafos: “Algo de muito incomum se passava com Padre Pio.” E talvez seja justamente isso que continua a atrair milhares de peregrinos: o fato de que, em um pequeno convento no sul da Itália, um homem vivenciou na própria pele o mistério da Cruz.

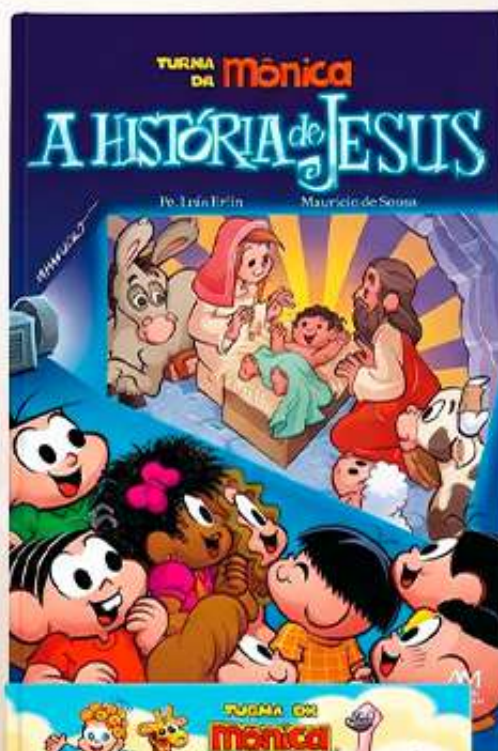
Se você ficou fascinado pela história dos estigmas de Padre Pio e quer mergulhar mais fundo em sua vida, suas experiências místicas e os desafios que enfrentou, há uma forma de se aproximar ainda mais desse mistério ●



Imagem: Manfredonia / Wikipedia

APRENDER A BÍBLIA COM A TURMA DA MÔNICA É MUITO MAIS DIVERTIDO!

Promoção válida de 01/09/2026 a 30/09/2026
Exclusivo no site.



ACESSE O SITE **AVEMARIA.COM.BR** E
NOSSAS REDES SOCIAIS PARA SABER MAIS



AM
EDITORA
AVE MARIA

MARCO FUNDAMENTAL NA HISTÓRIA DA LITURGIA DA IGREJA CATÓLICA

O segundo elemento fundamental da interpretação de Leão XIV é a centralidade do mistério

pascal. Para o Papa, o mistério cristão é o acontecimento da paixão, morte, ressurreição e glorificação de Cristo. Esse mistério não pertence apenas ao passado. Na liturgia, ele se torna sacramentalmente presente. Essa perspectiva permite compreender uma das afirmações mais importantes da Constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium*: “Pela liturgia, especialmente pelo sacrifício eucarístico, realiza-se a obra da nossa redenção” (2).

Na liturgia, Cristo continua a agir pelo poder do Espírito Santo. Ele santifica a Igreja e a associa à sua oferta ao Pai. O Papa recorda que Cristo está presente na Palavra proclamada, nos sacramentos, nos ministros, na comunidade reunida e, de modo eminente, na Eucaristia, portanto, a liturgia não é simplesmente uma reunião da comunidade cristã, é uma ação na qual Cristo mesmo atua na sua Igreja.

A liturgia possui também uma forte dimensão eclesiológica, pois a Igreja não existe separadamente dela; pelo contrário, a liturgia manifesta e edifica a Igreja.

Na primeira catequese, Leão XIV utilizou uma imagem particularmente significativa: a Igreja nasce do lado aberto de Cristo na cruz e, na liturgia, Cristo continua a agir nela pelo Espírito Santo. A celebração eucarística, portanto, não apenas manifesta a Igreja, contribui para edificá-la como corpo de Cristo. Ao celebrar a Eucaristia, a Igreja recebe o corpo de Cristo e torna-se aquilo que recebe. O Papa retoma, nesse contexto, a tradição de Santo Agostinho para mostrar

que existe uma relação íntima entre o corpo eucarístico recebido e o corpo eclesial constituído.

Outro aspecto particularmente importante é a compreensão da relação entre tradição e progresso. Nesse sentido, a reforma litúrgica desejada pelo Concílio Vaticano II deve ser compreendida em continuidade com a tradição viva da Igreja. A Constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium* não propõe uma ruptura com o passado. O princípio fundamental apresentado pelo concílio é conservar a tradição e, ao mesmo tempo, abrir caminho para um progresso legítimo, conforme o número 23 da constituição.

Assim como a Igreja é um organismo vivo, também sua liturgia

pode desenvolver-se historicamente sem perder sua identidade fundamental.

Estas breves considerações não têm a pretensão de apresentar toda a riqueza teológica e pastoral da Constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium*; mesmo assim, podem ser um incentivo para estudar e valorizar essa importante constituição conciliar. ●

***Prof. Lino Rampazzo** é doutor em Teologia e professor no curso de Teologia da Faculdade Canção Nova de Cachoeira Paulista (SP).

Imagem: Magnific



O CORAÇÃO DE MARIA E A MATERNIDADE SOCIAL DA IGREJA

♦ Pe. Diego Lelis, cmf ♦

A contemporaneidade tem sido marcada por uma profunda crise de vínculos, na qual a fragmentação das relações humanas e sociais se intensifica sob a lógica da descartabilidade. A experiência comunitária, que outrora sustentava o sentido de pertença e identidade, cede lugar a formas frágeis de convivência, muitas vezes mediadas pela funcionalidade e pelo imediatismo (Bauman, 2001).

Nesse contexto, a própria experiência religiosa não permanece imune. A ação pastoral, em diversos ambientes eclesiais, corre o risco de se reduzir a práticas operacionais, centradas na execução de atividades, com perda progressiva da dimensão relacional, afetiva e existencial da fé.

Tal cenário evidencia uma tensão interna na vida da Igreja: de um lado, sua vocação essencial de ser sinal e instrumento da comunhão de Deus com a humanidade; de outro, a tentação constante de assumir um modelo organizacional que privilegia a eficiência em detrimento do cuidado e da experiência de fé. Ao perder sua dimensão materna do cuidado, a Igreja corre o risco de se tornar incapaz de responder às feridas do tempo presente, especialmente no que se refere às situações de vulnerabilidade, sofrimento, perda de sentido e exclusão. Recordemos continuamente as palavras do saudoso papa Francisco, ao pedir uma Igreja que fosse “hospital de campanha”, para que jamais se esquecesse de sua função de ser, no mundo, sinal do cuidado de Deus pela humanidade.

É precisamente neste ponto que a reflexão mariológica se revela fecunda. A tradição teológica reconhece em Maria não apenas uma figura devocional, mas um verdadeiro paradigma eclesial. Conforme afirma o Concílio Vaticano II, “a Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo” (*Lumen Gentium*, n. 63). Tal afirmação não se limita a um dado doutrinal, mas aponta para uma dimensão existencial: a Igreja encontra em Maria o modelo de seu próprio modo de ser no mundo, como nos recorda a encíclica *Redemptoris Mater*.

Nesse horizonte, o símbolo do coração assume centralidade. Na tradição bíblica, o coração não designa apenas a esfera afetiva, mas o núcleo da pessoa, onde se articulam inteligência, vontade e emoção, constituindo o lugar da escuta e da resposta a Deus (Orso, 2016). Em Maria, esse coração revela-se como espaço de acolhimento do mistério, de discernimento e de fidelidade, como testemunha o evangelista Lucas ao afirmar que ela “guardava todas estas coisas, meditando-as no seu coração” (Lc 2,51).

O Coração de Maria manifesta uma forma específica de relação com Deus e com a história: uma relação marcada pela escuta, pela interioridade e pela capacidade de gerar vida a partir do acolhimento da Palavra. Tal dinâmica não permanece circunscrita à experiência pessoal de Maria,

mas projeta-se como princípio inspirador para a própria identidade e missão da Igreja.

Diante disso, apresenta-se, neste texto, a discussão sobre o Coração de Maria como um “lugar” revelador de um modelo de Igreja que não se limita a evangelizar em termos funcionais, mas se configura como uma realidade viva que cuida, acompanha processos, protege a vida e gera comunhão.

O CORAÇÃO DE MARIA: LUAR DE ESCUTA, ORAÇÃO E AÇÃO

À luz da tradição bíblica, da reflexão teológica contemporânea e do Magistério da Igreja, o Coração de Maria apresenta-se como o lugar paradigmático da interioridade crente. Na antropologia bíblica, o coração constitui o centro da pessoa, onde se articulam inteligência, vontade e afeto, sendo o espaço da escuta e da decisão diante de Deus (Orso, 2016). Em Maria, essa realidade atinge sua expressão mais plena, tornando-se modelo de uma existência totalmente aberta à ação divina.

O primeiro movimento desse coração é a escuta, que se traduz em resposta livre. O fiat da Anunciação, “Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38), manifesta uma adesão consciente ao projeto de Deus. Como ensina o Magistério da Igreja, Maria cooperou com livre fé e obediência na obra da salvação (*Lumen Gentium*, n. 56).



Imagem: Franz von Kurz zum Thum und Goldenstein / Wikipedia

Tal afirmação é decisiva, pois evidencia que a fé não é passividade, mas resposta ativa e responsável.

A escuta de Maria ao convite de Deus para que fosse Mãe do Salvador não se esgota no momento inicial. Ela se prolonga como atitude permanente de interiorização. O evangelista Lucas afirma que Maria “guardava todas estas coisas, meditando-as no seu coração” (Lc 2,19; 2,51). Trata-se de uma memória ativa, na qual os acontecimentos são acolhidos, alicerçados na Palavra e amadurecidos ao longo do tempo.

Essa dimensão revela Maria como mulher do discernimento. Sua fé constrói-se na fidelidade ao longo do tempo. O próprio texto bíblico reconhece que “não compreenderam” certos acontecimentos (Lc 2,50), o que indica que sua experiência incluiu incertezas durante o caminho. O Concílio Vaticano II expressa essa dinâmica ao afirmar que Maria “avançou na peregrinação da fé” (*Lumen Gentium*, n. 58), sublinhando o caráter processual de sua relação com Deus.

Nesse sentido, García Paredes aprofunda a compreensão dessa interioridade ao indicar que o essencial da missão nasce do “porquê”, isto é, do coração onde Deus age e de onde brota a resposta humana. “Descobrir o coração da missão é penetrar no fundo secreto do qual tudo nasce” (García Paredes, 2019). Maria é, por excelência, essa mulher da profundidade, da interioridade onde a Palavra se faz vida.

O Coração de Maria não é apenas espaço de interioridade espiritual, mas também lugar de leitura da realidade. Ele integra fé e história, contemplação e compromisso, silêncio e ação. Aqui se rompe definitivamente qualquer dicotomia entre espiritualidade e vida concreta.

MATERNIDADE DE MARIA: DA DIMENSÃO BIOLÓGICA À DIMENSÃO SALVÍFICA

A maternidade de Maria constitui o eixo fundante da mariologia e o ponto de convergência entre cristologia e eclesiologia. Não se limita a um dado biológico, mas expressa uma realidade de densidade salvífica, inserida no mistério da encarnação e na economia da redenção. Nesse horizonte, o título *Theotokos* (“Mãe de Deus”) afirma que, em seu seio, o Verbo assumiu plenamente a condição humana, revelando a centralidade de Maria no desígnio salvífico (cf. *Redemptoris Mater*, n. 4).

A maternidade divina de Maria não pode ser compreendida de forma isolada, mas sempre em relação intrínseca com o mistério de Cristo. Trata-se de uma maternidade inteiramente a serviço da encarnação, sendo sinal da verdadeira humanidade do Filho e, simultaneamente, testemunho de sua divindade (Pinho, 2017). Desse modo, ao gerar o Filho, Maria ultrapassa o âmbito biológico e insere-se de modo singular na economia da salvação, tornando-se o

lugar concreto da irrupção de Deus na história.

Entretanto, essa maternidade não se realiza de forma passiva. Ela é precedida por um ato livre e consciente de adesão ao projeto divino. O fiat de Maria, “Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38), expressa sua cooperação ativa na obra da salvação. Essa cooperação ultrapassa o momento da encarnação e encontra sua plenitude no mistério pascal. No relato joanino da crucificação, “Mulher, eis o teu filho. Eis a tua mãe” (Jo 19,26-27), a maternidade de Maria abre-se a uma dimensão universal. A tradição vê nesse gesto a instituição de sua maternidade espiritual, pela qual ela se torna mãe de todos os discípulos na ordem da graça. Não se trata apenas de um vínculo afetivo, mas de uma participação contínua na vida da Igreja e na comunicação da graça divina.

A maternidade de Maria, nessa perspectiva, revela-se como realidade dinâmica, que se estende do plano biológico ao salvífico. De sua associação à obra da redenção emerge sua maternidade espiritual e universal (Carol, 1964), pela qual ela não apenas gera Cristo na história, mas continua, na ordem da graça, a comunicar vida em participação na obra redentora do Filho.

Essa compreensão estabelece uma ligação decisiva com a Igreja. Se Maria, em sua maternidade, torna-se mediação da presença de Cristo no mundo, sua experiência configura-se como paradigma da missão eclesial. A Igreja, chamada a prolongar a encarnação na história, encontra nela o modelo de uma maternidade que ultrapassa o ato de gerar e se concretiza no cuidado, no acompanhamento e na sustentação da vida. Assim, a maternidade mariana não apenas ilumina o mistério da salvação, mas inaugura uma forma de presença que a própria Igreja é chamada a assumir e continuar (cf. *Redemptoris Mater*, n. 26).



Imagem: Oğuzhan Karataş / Pexels

A MATERNIDADE COMO FORMA DE SER IGREJA

A reflexão sobre a maternidade de Maria conduz à compreensão da maternidade como dimensão constitutiva da própria Igreja. Não se trata de mera analogia devocional, mas de um dado enraizado na identidade e na missão eclesial. A tradição conciliar afirma que Maria é tipo e figura da Igreja na ordem da fé, da caridade e da união com Cristo (cf. *Lumen Gentium*, n. 63), indicando que seu modo de ser ilumina o modo de ser e de agir da comunidade eclesial.

Nesse horizonte, a maternidade torna-se chave hermenêutica da eclesiologia. Assim como Maria gerou Cristo na história, a Igreja é chamada a gerá-lo na vida dos fiéis, tornando-se espaço de nascimento, cuidado e amadurecimento da fé. Trata-se de um processo vital, no qual a fé é acolhida, cultivada e sustentada, configurando a Igreja como lugar de iniciação e crescimento na experiência cristã.

Além disso, a maternidade eclesial manifesta-se no cuidado concreto com a vida, sobretudo com a vida dos mais frágeis. Inspirada na experiência de Maria, ela desloca a ação pastoral de uma lógica funcional para uma lógica relacional, na qual o cuidado se torna expressão constitutiva da evangelização (Pinho, 2017). Assim, a Igreja

não apenas anuncia o Evangelho, mas o encarna por meio de uma presença que acolhe, protege e sustenta a vida.

Essa dimensão implica também a capacidade de acompanhar processos. A maternidade supõe tempo, paciência e fidelidade. À semelhança do caminho de fé de Maria, a Igreja é chamada a respeitar os ritmos humanos, acompanhando cada pessoa em seu itinerário. Trata-se de uma pastoral que ultrapassa ações pontuais e se compromete com a continuidade da vida, sustentando o amadurecimento humano e espiritual.

A maternidade eclesial revela-se, assim, como uma realidade dinâmica que integra três dimensões inseparáveis: gerar, cuidar e sustentar. A Igreja gera a fé ao anunciar e testemunhar o Evangelho, cuida da vida ao acolher os mais frágeis e sustenta processos ao acompanhar, com paciência e fidelidade, o crescimento de seus membros. Não se trata de funções isoladas, mas de expressões de uma mesma identidade, que encontra em Maria seu paradigma.

À luz disso, a maternidade não é apenas uma imagem aplicada à Igreja, mas uma forma de ser que define sua fidelidade ao Evangelho. Quando essa dimensão se enfraquece, a Igreja corre o risco de se reduzir a uma estrutura funcional e despersonalizada. Ao contrário, quando assume seu rosto materno, torna-se sinal concreto do amor de Deus no mundo, manifestando uma presença que gera vida, cuida das fragilidades e sustenta a esperança.

UMA IGREJA QUE CUIDA: A LÓGICA DO CUIDADO COMO MISSÃO

A compreensão da Igreja como realidade maternal encontra sua expressão mais concreta na lógica do cuidado, entendido não apenas como exigência ética, mas como categoria teológica fundamental. Não se trata de prática assistencial ou resposta pontual, mas de um modo próprio

de participação na missão de Deus na história. O cuidado, assim, torna visível o agir divino, pois a missão não se reduz ao que o ser humano faz por Deus, mas ao que Deus realiza por meio de nós em favor da humanidade (García Paredes, 2019).

Essa perspectiva desloca a ação pastoral de um modelo funcional para uma lógica relacional. Quando reduzida à execução de atividades, a Igreja corre o risco de se tornar autorreferencial e burocrática, perdendo sua fecundidade. Ao assumir o cuidado como princípio estruturante, porém, reorienta sua prática a partir da centralidade da pessoa, reconhecendo em cada sujeito uma história, um processo e uma dignidade que exigem acolhimento e acompanhamento. Nesse horizonte, a mariologia, quando bem situada, oferece uma contribuição decisiva à evangelização, ao reconduzir a ação eclesial à sua dimensão humana, histórica e libertadora (Zanini, 2017).

A lógica do cuidado exige, portanto, a superação de uma pastoral centrada em estruturas, a fim de que se assuma uma pastoral de proximidade. Trata-se de uma proximidade que não é apenas geográfica, mas existencial, pois implica entrar na realidade do outro, reconhecer suas necessidades e responder por meio de uma presença comprometida. Essa dinâmica encontra em Maria seu paradigma: nela se revelam a sensibilidade que percebe o que falta, a proximidade que não se afasta das situações concretas e a disponibilidade que se traduz em mediação ativa.

O episódio das bodas de Caná (Jo 2,1-11) sintetiza essa atitude. Maria percebe uma necessidade concreta: “Não têm mais vinho” e, sem assumir protagonismo, intervém de forma discreta, orientando para Cristo: “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5). Nesse gesto, manifesta-se um cuidado que não domina nem substitui, mas acompanha e conduz,

respeitando os processos e favorecendo o amadurecimento da fé. Assim, Maria apresenta-se como mediadora que inaugura a prática libertadora de Jesus, evidenciando que o cuidado está intrinsecamente ligado à promoção da vida e à manifestação do Reino (Velasco, 2008).

Além disso, o cuidado mariano caracteriza-se por sua inserção na realidade concreta dos pobres e vulneráveis. Maria não é uma figura distante, mas uma mulher historicamente situada, marcada pela fragilidade e pelas tensões de seu tempo, o que a torna referência para uma Igreja comprometida com a vida, sobretudo com a vida dos mais vulneráveis (Zanini, 2017).

No horizonte da espiritualidade missionária, essa lógica se aprofunda ao reconhecer que o cuidado nasce do coração. A missão brota do amor transformado pelo Espírito, de modo que toda ação evangelizadora desvinculada dessa fonte corre o risco de se esvaziar (García Paredes, 2019).

Assim, o cuidado configura-se como expressão concreta da evangelização: torna visível o amor de Deus antes mesmo do anúncio explícito, criando condições para que a Palavra seja acolhida ao responder às necessidades reais e gerar confiança, vínculo e abertura.

UMA IGREJA QUE ACOMPANHA PROCESSOS: PEDAGOGIA DO TEMPO

A compreensão do Coração de Maria como lugar de escuta e discernimento conduz à pedagogia do tempo como dimensão essencial da vida eclesial. Nos relatos evangélicos, sua experiência não se define por uma compreensão imediata, mas por um processo progressivo de acolhimento e amadurecimento da fé. O próprio Lucas evidencia essa tensão ao afirmar que, diante de certos acontecimentos, “eles não compreenderam” (Lc 2,50), revelando que o itinerário de fé se constrói entre o mistério, a vida e a compreensão humana.

Nesse horizonte, Maria revela-se mulher do tempo e da espera. Sua fidelidade não depende de clareza imediata, mas de uma confiança perseverante. Ao guardar e meditar os acontecimentos no coração, assume uma atitude de abertura ao processo, permitindo que a ação de Deus se desvele gradualmente. Trata-se de uma espiritualidade que integra incompreensão e esperança, silêncio e discernimento, configurando-se como paradigma de uma fé que amadurece no tempo (Orso, 2016).

Nesse sentido, Maria revela uma pedagogia profundamente humana e



Imagem: Joham Iartz / Wikipedia

teológica: a pedagogia dos processos. Sua vida manifesta que a ação de Deus não se impõe de modo imediato, mas se desdobra na história, respeitando ritmos e caminhos. Tal compreensão converge com a perspectiva missionária que distingue “o que”, “como” e, sobretudo, “por que” se realiza a missão, indicando que a evangelização autêntica nasce de uma postura capaz de esperar, discernir e acompanhar.

À luz dessa experiência, a Igreja é chamada a assumir uma pastoral que respeite os ritmos humanos e valorize os processos de crescimento. Isso implica superar práticas imediatistas e normativas, adotando uma lógica de acompanhamento contínuo. Assim, a formação cristã não se reduz à transmissão de conteúdos, mas se configura como caminho gradual de experiência e amadurecimento da fé ao longo do tempo.

Essa perspectiva incide diretamente sobre o acompanhamento vocacional e a ação educativa. Uma Igreja que acompanha processos reconhece que cada vocação se constrói em etapas, exigindo escuta, paciência e discernimento. Tal abordagem converge com a proposta sinodal, que valoriza a caminhada conjunta, o diálogo e a escuta mútua como dimensões constitutivas da vida eclesial. No horizonte da espiritualidade claretiana, essa

pedagogia do tempo ganha densidade própria ao compreender a missão como processo formativo contínuo. O sujeito é chamado a crescer na fé e no compromisso, o que exige uma formação integral, atenta à pessoa em sua totalidade, que respeite seus ritmos e promova seu desenvolvimento humano e espiritual.

UMA IGREJA QUE PROTEGE A VIDA: DIMENSÃO PROFÉTICA DA MATERNIDADE

A maternidade de Maria não apenas ilumina o cuidado e o acompanhamento, mas revela uma dimensão profundamente profética: a defesa e a promoção da vida. Inserida em um contexto de vulnerabilidade e opressão, Maria apresenta-se como mulher concreta, participante das tensões e dos sofrimentos de sua realidade.

A narrativa evangélica evidencia essa condição em episódios como a fuga para o Egito (cf. Mt 2,13-15), que expõe a fragilidade da Sagrada Família diante da violência política. Maria experimenta o deslocamento, a insegurança e a ameaça à vida, aproximando-se das experiências de tantos que migram para sobreviver. Assim, configura-se como ícone de uma humanidade ferida, mas também resistente.

Além disso, sua presença junto à cruz (cf. Jo 19,25) revela uma

maternidade fiel mesmo diante do sofrimento extremo. Maria não se afasta da dor, mas permanece de pé ao lado do Filho, manifestando uma força que não nega a vulnerabilidade, mas a transforma em lugar de esperança. Nesse sentido, a reflexão teológica reconhece que ela participa dos sofrimentos e da morte de Cristo, em íntima união com a obra redentora (Carol, 1964). A maternidade mariana integra fragilidade e força, sofrimento e resistência. Maria não é apenas destinatária da ação divina, mas participante ativa da história da salvação, assumindo em si as dores e os desafios de seu povo.

No horizonte latino-americano, essa leitura ganha maior densidade ao evidenciar Maria como mulher inserida na realidade dos pobres, marcada pela vulnerabilidade e pela opressão, o que a aproxima das situações de exclusão e sofrimento (Zanini, 2017).

À luz disso, a Igreja é chamada a assumir uma postura profética em defesa da vida, comprometendo-se concretamente com os pobres e vulneráveis. A maternidade eclesial, assim, ultrapassa o cuidado individual e projeta-se na dimensão social, promovendo a dignidade humana e denunciando estruturas de injustiça.

Essa postura exige uma espiritualidade encarnada, capaz de reconhecer Deus na história e responder às suas interpelações. Ao assumir essa missão, a Igreja torna-se sinal de esperança, manifestando uma presença que acolhe e transforma a realidade.

UMA IGREJA QUE GERA COMUNHÃO: O CORAÇÃO COMO ESPAÇO DE UNIDADE

A trajetória teológica desenvolvida converge, assim, para a dimensão da comunhão. O Coração de Maria, lugar de escuta, cuidado e fidelidade, revela-se também como espaço gerador de unidade. Na tradição cristã, a comunhão não é fruto da organização, mas dom do Espírito, que integra a



Imagem: Maurylio Silva / Pexels

diversidade e sustenta a vida da Igreja.

O relato dos Atos dos Apóstolos expressa essa realidade ao apresentar Maria no cenáculo, perseverando em oração com os discípulos (cf. At 1,14). Sua presença é profundamente significativa: ela sustenta a unidade da comunidade nascente, reunida em torno da promessa do Espírito, tornando-se sinal de uma Igreja que nasce da comunhão e se fortalece na convivência fraterna.

A comunhão, portanto, não se reduz a um dado estrutural, mas se configura como experiência espiritual. O Espírito Santo, ao derramar o amor de Deus nos corações, torna possível uma vida comunitária marcada pela partilha, pela unidade e pela abertura ao outro (García Paredes, 2019). Assim, o coração, como centro da pessoa, torna-se também o lugar onde a comunhão se enraíza e se manifesta.

Nesse horizonte, a Igreja é chamada a ser mais do que uma instituição organizada: deve configurar-se como casa, espaço de pertença e acolhimento. Aqui, a dimensão materna encontra uma de suas expressões mais profundas, pois a maternidade gera vínculos, sustenta relações e promove a unidade. Ao assumir essa identidade, a Igreja torna-se lugar de pertença, onde as relações refletem o amor trinitário.

A presença de Maria no cenáculo revela, ainda, que a comunhão não elimina a diversidade, mas a integra. A comunidade apostólica é composta por diferentes sujeitos, com histórias e experiências distintas, mas encontra na ação do Espírito a força que os une. Tal realidade aponta para uma eclesiologia que valoriza a unidade na diversidade, reconhecendo que a riqueza da Igreja está precisamente na pluralidade de seus membros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão desenvolvida ao longo deste estudo partiu da constatação de uma crise profunda que atravessa o tempo presente: a fragili-

zação dos vínculos, a fragmentação das relações e a crescente lógica do descarte, que atinge não apenas a sociedade, mas também, de modo indireto, a própria experiência eclesial. Nesse contexto, a Igreja vê-se desafiada a revisar suas práticas e a reencontrar o núcleo de sua identidade, evitando reduzir sua missão a estruturas funcionais que, embora necessárias, não são suficientes para responder às exigências humanas e espirituais da contemporaneidade.

É precisamente nesse horizonte que a figura de Maria se revela como chave interpretativa e horizonte inspirador. A tradição teológica reconhece nela não apenas um elemento constitutivo da fé, mas um verdadeiro paradigma eclesial. Maria ocupa um lugar central na compreensão da missão da Igreja, de tal modo que sua presença permite redescobrir o sentido mais profundo da evangelização, orientando-a para uma dimensão mais humana, encarnada e relacional (Zanini, 2017).

O Coração de Maria, compreendido como centro de sua interioridade e espaço de escuta, discernimento e fidelidade, oferece à Igreja um modelo de ação que integra cuidado, acompanhamento, defesa da vida e promoção da comunhão. Nele, a fé se manifesta não como abstração, mas como resposta concreta à ação de Deus na história. Tal dinâmica revela que a missão eclesial não se realiza apenas por meio de estratégias, mas por meio de uma presença que acolhe, sustenta e gera vida.

A partir dessa perspectiva, torna-se evidente a urgência pastoral de uma Igreja que recupere sua dimensão maternal. Isso implica assumir o cuidado como princípio, respeitar os processos de amadurecimento humano e espiritual, comprometer-se com a defesa da vida em todas as suas formas e promover uma comunhão que seja expressão do amor trinitário. Trata-se de uma mudança

de paradigma que exige não apenas reformulações estruturais, mas, sobretudo, uma conversão do coração.

No horizonte da espiritualidade missionária, essa transformação encontra seu fundamento no amor que sustenta a missão. O coração da missão não está no que a Igreja faz por Deus, mas no que Deus realiza por meio dela em favor da humanidade. Assim, a eficácia da ação evangelizadora não depende, primordialmente, de sua organização, mas da profundidade da experiência que a sustenta. ●

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução oficial da CNBB. Brasília, DF: CNBB, 2018.
- CAROL, Juniper B. *Mariologia*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1964.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium: constituição dogmática sobre a Igreja*. Vaticano, 1964.
- FARIAS, José Jacinto Ferreira de. *O coração de Maria e a mística da reparação*. Didaskalia, Lisboa, v. 47, 2017.
- GARCÍA PAREDES, José Cristo Rey. *El corazón de María en el corazón de la misión*. Roma, 2019.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Carta encíclica Redemptoris Mater: sobre a Bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho*. Vaticano, 25 mar. 1987. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html. Acesso em: 13 abr. 2026.
- ORSO, Alceu Luiz. *Coração de Maria na Sagrada Escritura*. Material didático, 2016.
- PAULO VI, Papa. *Exortação apostólica Marialis Cultus: para a reta ordenação e o desenvolvimento do culto à Bem-aventurada Virgem Maria*. Vaticano, 2 fev. 1974. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html. Acesso em: 13 abr. 2026.
- PINHO, José Eduardo Borges de. *A maternidade de Maria e o rosto materno da Igreja*. Humanística e Teologia, Porto, v. 38, n. 2, 2017.
- VELASCO, Carmiña Navia. *Maria de Nazaré revisitada*. Concilium, Petrópolis, v. 327, n. 4, 2008.
- ZANINI, R. L. *Mariologia em perspectiva teológico-pastoral*. Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 77, n. 307, 2017.

COMO FAZER A *LECTIO DIVINA*?

♦ Rosa Maria Dilelli Cruvinel* ♦

A Bíblia é a Palavra de Deus revelada ao ser humano e celebrada, de modo especial, pela Igreja Católica no Brasil durante o mês de setembro. Esse é um tempo oportuno para o encontro pessoal com Jesus por meio do aprofundamento de sua Palavra. Como sugere a Igreja, queremos oferecer uma motivação para que você conheça e pratique a oração da *Lectio divina*.

A *Lectio divina*, ou leitura divina, consiste na leitura orante e meditativa das Sagradas Escrituras. Não se trata simplesmente de um estudo acadêmico, mas de um método de escuta da Palavra de Deus que favorece o crescimento da intimidade com Ele e proporciona insondáveis graças de santificação.

Deus, em seu infinito amor, revela-se à humanidade por meio de gestos e de sua Palavra. Nela, expressa seu projeto de amor e salvação por meio de Jesus Cristo e orienta toda a vida da Igreja. Por isso, as Sagradas Escrituras ocupam um lugar central na vida dos católicos. Ao tratar da importância da Bíblia, São Jerônimo escreveu: “Ignorar as Escrituras é ignorar Cristo” (JERÔNIMO, *Prólogo ao comentário sobre o profeta Isaías*).

Conscientes do sentido e da importância das Sagradas Escrituras, vamos aprender a praticar a *Lectio divina*. Trata-se de um exercício espiritual de escuta pessoal da Palavra de Deus, tradicionalmente apresentado como uma escada de quatro degraus: leitura, meditação, oração e contemplação.

A disposição desses degraus tem finalidade didática, pois o Senhor pode, livremente, conduzir-nos da oração à contemplação. Entretanto, é fundamental permanecermos abertos à ação do Divino Espírito Santo: “Buscai na leitura e encontrareis na meditação;

batei pela oração e encontrareis pela contemplação” (GUIDO II, Idade Média).

A seguir, apresentamos alguns passos práticos para realizar a *Lectio divina* e crescer na intimidade com Deus.

AMBIENTE

Prepare um lugar tranquilo e silencioso que favoreça o recolhimento e a oração

PREPARAÇÃO

Invoque o Espírito Santo e peça que Ele conduza sua oração e sua meditação.

ORAÇÃO AO ESPÍRITO SANTO

“Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor. Enviai o vosso Espírito, e tudo será criado, e renovareis a face da terra.”

Oremos: Ó Deus, que instruístes os corações dos vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas segundo o mesmo Espírito e gozemos sempre da sua consolação. Por Cristo, Senhor nosso. Amém.”

ESCOLHA DA LEITURA BÍBLICA

Escolha uma das leituras do dia, indicada pela liturgia diária, ou siga a leitura de um dos livros das Sagradas Escrituras, como os Evangelhos, as Cartas ou os livros proféticos.

LEITURA

O que o texto diz? Esteja atento aos detalhes: o ambiente, os acontecimentos, as personagens, os



diálogos, as reações e os sentimentos das pessoas, o assunto principal, as palavras e os trechos que mais chamam sua atenção. Repita a leitura, se possível, mais de uma vez. Não se esqueça de que, durante a leitura, é Deus quem fala conosco.

MEDITAÇÃO

O que o texto diz para mim? Coloque-se diante da Palavra. É o momento de “ruminar” e saborear a Palavra de Deus. Durante a meditação, questione-se, confronte a passagem bíblica com sua vida e peça ao Espírito Santo que ilumine sua consciência.

ORAÇÃO

O que o texto me leva a responder ao Senhor? A oração brota como fruto da meditação. Perceba os sentimentos que o levam a oferecer uma resposta a Deus. O Espírito Santo pode suscitar o louvor, a adoração, a ação de graças, a súplica, a oração penitencial e a oferta.

CONTEMPLAÇÃO

O que a Palavra de Deus realiza em mim? Nesse degrau, é o próprio Deus quem age em nossa vida. Na contemplação, Ele nos transforma e nos configura a si, concedendo-nos seus sentimentos, pensamentos, desejos e afetos.

Que o Espírito Santo nos conceda a graça de perseverar e crescer na intimidade com a Palavra de Deus, fonte de vida eterna. ●

Referências

GUIDO II. *A escada dos monges*. [S. l.: s. n.], [séc. XII].
JERÔNIMO. *Prólogo ao comentário sobre o profeta Isaías*. In: LITURGIA DAS HORAS. Petrópolis: Vozes, 1995. v. 4.

***Rosa Maria Dilelli Cruvinel** é formada em Física pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé (MG), em Teologia pela Faculdade Canção Nova, em Cachoeira Paulista (SP), e leiga consagrada na Comunidade Canção Nova.

A SANTA CRUZ DE CARAVACA:

HISTÓRIA DE UMA DEVOÇÃO MILENAR

♦ Pe. Reinaldo Bento* ♦

Em Caravaca de la Cruz, na região de Múrcia, na Espanha, ergue-se a Basílica Santuário da Vera Cruz. Aí se encontra uma devoção antiga, que infelizmente no Brasil e alguns países tem se misturado com superstições motivadas por publicações que misturam fé com bruxaria; porém, graças ao testemunho dos papas recentes, como São João Paulo II e Bento XVI, tem-se divulgado ao povo fiel uma verdadeira devoção à santa cruz.

Na obra de Antonio de Honcala de 1546, *Pentaplon christianae pie-*

tatis, relata-se que, no século XIII, um sacerdote aventurou-se em território mouro para pregar o Evangelho. Foi preso pelos muçulmanos e levado perante o governante, Zayd Abu Zayd. O governante interrogou-o sobre a Missa e o sacerdote explicou-a tão detalhadamente que o governante exigiu que fosse celebrada em sua presença. O sacerdote não possuía os itens necessários e mandou buscá-los na cidade de Concha, que estava sob controle cristão, contudo, a cruz havia sido esquecida. O sacerdote, sem saber da sua ausência, começou a Missa, mas, parou quando percebeu que ela faltava. O governante, que assistia à Missa com a sua família, perguntou-lhe o que havia de errado. O sacerdote respondeu: “Não há cruz”. Nesse momento, o muçulmano viu dois anjos colocando a cruz no altar e apontando para o objeto desejado disse: “Será que é isso?”. O sacerdote deu graças a Deus e continuou com a Missa.

Segundo a lenda, esse evento levou o governante muçulmano e sua família a se converterem ao cristianismo. De acordo com a maioria das versões da história, o clérigo chamava-se Ginés Pérez Chirino ou Quirino, era originário de Mahora, na província de Albacete, e viera de Cuenca, onde fora discípulo do bispo São Julião, que o designara para servir na catedral. Segundo outra versão, seu

nome era Fernán Pérez e por isso um dos filhos do governante foi batizado com o nome de Fernán Pérez.

Leonardo Mayor Izquierdo situa a data do milagre em 3 de maio de 1231. Dom F. Renón, usando dados da monografia de Juan Robles Corbalán de 1615 sobre a verdadeira cruz de Caravaca, situa o milagre em 1227. Zayd Abu Zayd comunicou sua intenção de se converter ao cristianismo ao Papa Gregório IX em 1228. Essa conversão ocorreu após essa data.



Existe outra lenda sobre a sua origem.

Quando Santa Helena encontrou a verdadeira cruz no século IV, deu um pedaço ao patriarca de Jerusalém.

No século XIII, o imperador Frederico II Hohenstaufen foi proclamar-se rei de Jerusalém, ocasião em que colocou a relíquia no peito



Contudo, devido à sua falta de piedade, dois anjos apareceram e levaram-na, tendo esta reaparecido mais tarde em Caravaca.

Outra história, mais prosaica, conta que quando Caravaca foi conquistada por Jaime I, o Conquistador, e entregue a Fernando III, o Santo, em 1244, pelo tratado de Almisra, este entregou a cidade aos templários, que trouxeram a verdadeira cruz, de acordo com a regra da ordem de tê-la em todas as suas comendas. Ela teria sido colocada num relicário em forma de cruz patriarcal, pois era uma cruz simbólica dos templários.

A cruz serviu como estandarte e talismã contra os subseqüentes ataques andaluzes, especialmente os perpetrados por Muhammad ibn Nasr, emir de Arjona e Granada. Com isso, Caravaca consolidou sua posição como um bastião na fronteira hispano-islâmica.

Conta a lenda que, no século XIII, os templários foram sitiados no castelo pelos muçulmanos e a água das cisternas da fortaleza ficou estagnada. Um grupo de templários conseguiu escapar e foi até as fontes em busca de água, mas estas haviam sido envenenadas pelos sitiados. Encontraram apenas vinho, então, encheram vários odres com ele e o carregaram em seus cavalos. Ao retornarem à fortaleza, após cruzarem com sucesso as linhas inimigas mais uma vez, abençoaram o vinho com a verdadeira cruz e o deram aos doentes, que foram curados. Também deram um pouco do vinho nas cisternas, que foram purificadas.

Dessa forma, conseguiram resistir ao cerco e as forças muçulmanas finalmente se retiraram. Essa tradição, conhecida como os Cavalos do Vinho, é comemorada todo dia 2 de maio, quando os clubes equestres de Caravaca enfeitam um cavalo e escolhem quatro representantes para correrem pela encosta que leva ao Santuário da Vera Cruz.

O mestre da Ordem de Santiago, Lorenzo Suárez de Figueroa, fez uma peregrinação a Caravaca em 1390 e doou uma caixa de prata dourada para guardar a relíquia.

A partir do século XIV foram emitidas bulas de indulgência para aqueles que visitavam a capela onde se encontrava a cruz. As duas primeiras que sobreviveram foram promulgadas por Clemente VII de Avignon em 1379 e em 30 de janeiro de 1392. O primeiro Papa de Roma a conceder indulgências para esse fim foi Pio V em 1572. Posteriormente, essas indulgências foram prorrogadas por Gregório XV em 1622 e confirmadas por Urbano VIII (1623-1644), Clemente X (1670-1676) e Inocêncio XII (1691-1700).

Em 1536, o comandante Pedro Fajardo y Chacón, primeiro marquês de Vélez, doou uma custódia de ouro e um porta-cruz de prata, avaliados em mil ducados.

Em 1711, o duque de Montalto doou um relicário, que foi substituído por outro em 1777, doado pelo duque de Alba.

A cruz foi objeto de um roubo sacrílego na noite de 14 de fevereiro de 1934. Os ladrões roubaram a relíquia sagrada e o relicário que a continha, uma doação da casa de Alba em 1777, deixando para trás o cofre que continha ambos e que foi doado em 1390 por Lorenzo Suárez de Figueroa, mestre da Ordem de Santiago.

Em 30 de abril de 1942, dois fragmentos chegaram a Caravaca juntamente com um documento impresso em latim, emitido em 15 de abril de 1942, pelo frade dominicano Gabriel Moriondo, bispo de Caserta, que estava associado às relíquias do Vaticano desde pelo menos 1930. O documento certificava que os fragmentos provinham da cruz de Jesus Cristo e autorizava a sua exibição em qualquer igreja, capela pública ou oratório. Ambos os fragmentos foram colocados num relicário que era uma réplica do que tinha sido roubado. A relíquia chegou a tempo para as festividades de maio em honra da verdadeira cruz.

São João Paulo II concedeu um ano jubilar à cidade em 2 de janeiro de 1981, a pedido do bispo de Cartagena. Em 1998, a pedido

do bispo de Cartagena e da real e ilustre Confraria da Santa e Verdadeira Cruz de Caravaca, São João Paulo II concedeu perpetuamente um ano jubilar a cada sete anos ao santuário, a partir de 2003, concedendo uma indulgência plenária, nas condições habituais, em 3 de maio e 14 de setembro, ou por meio de uma peregrinação em grupo. Caravaca tornou-se uma das cinco cidades do mundo com esse privilégio, consideradas “cidades santas”. As outras são Jerusalém, Roma, Santiago de Compostela e Santo Toribio de Liébana.

Em 2002, o então Cardeal Ratzinger, futuro Papa Bento XVI, peregrinou à cidade para encerrar um congresso internacional de cristologia na região de Múrcia. Ele celebrou a Eucaristia e venerou publicamente a relíquia no Santuário da Vera Cruz de Caravaca.

O Papa Francisco recebeu delegações e enviou bênçãos apostólicas para os anos jubilares mais recentes, porém, nunca realizou uma viagem oficial até o município espanhol.

A adoração da santa cruz se encontra no centro de nossa fé. Vários santos se inspiraram na santa relíquia para promover missões, como São Junípero Serra, devoto da vera cruz de Caravaca, ou as missões jesuíticas no nosso país que conservam em muitos lugares a imagem dessa cruz. Já São Boaventura, em uma meditação, disse que assim como o lenho alimenta a chama, o santo lenho da cruz alimenta nosso amor. Esse é o real segredo da santa cruz de Caravaca. ●

***Padre Reinaldo Bento** é sacerdote incardinado na Diocese de Osasco (SP).



Menos excessos. Mais espaço para Deus.

APRENDA A VIVER O ESSENCIAL
TODOS OS DIAS



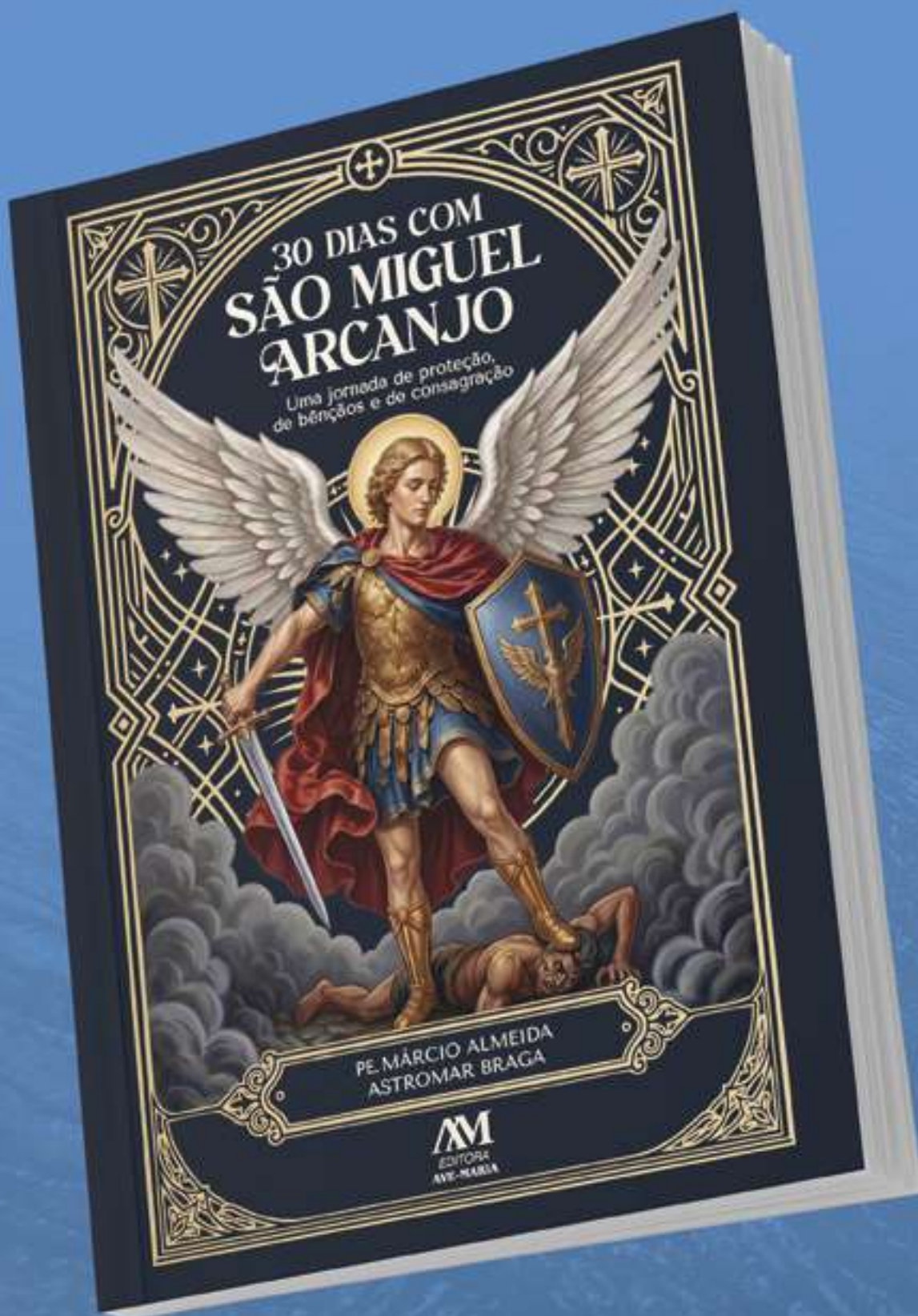
AUTORA
*Narja
Lourenço*



ACESSE O SITE [AVEMARIA.COM.BR](https://avemaria.com.br) E
NOSSAS REDES SOCIAIS PARA SABER MAIS



AM
EDITORA
AVE MARIA



30 DIAS COM SÃO MIGUEL ARCANJO: UMA JORNADA DE PROTEÇÃO, BENÇÃOS E CONSAGRAÇÃO

♦ Pe. Márcio Almeida* e Astromar Braga** ♦

Em tempos de batalha espiritual, este devocionário propõe um itinerário de trinta dias para fortalecer a fé, aprofundar a intimidade com Deus e preparar o coração para enfrentar os desafios da vida espiritual com confiança e perseverança. Fundamentada na Sagrada Escritura e na tradição da Igreja, a obra conduz o leitor por uma caminhada de oração, reflexão e prática, favorecendo um amadurecimento espiritual capaz de transformar a devoção em uma vivência concreta do Evangelho.

Ao longo de cada dia, o leitor encontrará uma reflexão inspiradora, uma oração de entrega e um desafio prático que o ajudará a crescer na constância da vida espiritual e na confiança na providência divina. O percurso pode ser realizado individualmente ou em grupo, sendo especialmente indicado para a Quaresma de São Miguel, mas também apropriado para qualquer período do ano em que se deseja renovar a caminhada de fé e a consagração a Deus.

Destina-se a todos os fiéis que querem aprofundar sua vida de oração, fortalecer-se no combate espiritual e cultivar uma relação mais íntima

com Deus. É especialmente recomendado para grupos de oração, comunidades, movimentos, famílias e pessoas que buscam um caminho de crescimento espiritual guiado pela tradição da Igreja. ●

***Padre Márcio Almeida** é diocesano e natural de Fortaleza, Ceará. Padre desde 2009, é formado em Administração de Empresas, pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e em Teologia pelo Instituto de Teologia João Paulo II. Tem pós-graduação em Espiritualidade (Faculdade Vicentina, 2013), Espiritualidade e Orientação Espiritual (Faculdade Jesuíta, 2016) e Gestão Eclesial (Faculdade Dehoniana, 2018). Reitor da Basílica Santuário São Miguel Arcanjo, está na cidade e na Paróquia de São Miguel Arcanjo (SP) desde 2010, tendo assumido a função de Pároco em 2012, de reitor do santuário em 2013 e de reitor da basílica em 2018. Na Diocese de Itapetininga, onde está localizada a basílica, é membro do Conselho Diocesano de Presbíteros, Assessor da Pastoral da Comunicação (Pascom) e membro do Conselho de Reitores de Santuários do Brasil.

****Astromar Braga** é missionário, escritor e apresentador de televisão católico, considerado o maior difusor do movimento de acampamentos católicos no Brasil. Ele alcança mais de 700 mil campistas por meio de sua metodologia, presente em mais de cinquenta cidades brasileiras e na América Latina.

O VERBO ESTÁ NO MEIO DE NÓS:

CRISTO SE REVELA NA PALAVRA,
NA EUCARISTIA E NA VIDA

O sentido da criação se revela em Cristo,
presente no cotidiano da fé

♦ Cíntia Lopes ♦



A afirmação de que Jesus é o Verbo de Deus ocupa um lugar central na teologia cristã. Mais do que um título ou uma imagem poética, a expressão revela a identidade profunda de Cristo e sua relação com Deus, com a criação e com toda a humanidade. Jesus Cristo é apresentado pela fé cristã como o Verbo de Deus, aquele por meio de quem todas as coisas foram criadas e no qual a existência encontra seu sentido. No prólogo do Evangelho de São João, essa verdade é anunciada de forma solene: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (1,1).

Para compreender o significado dessa expressão é preciso voltar ao termo original utilizado pelo evangelista. O português “Verbo” traduz a palavra grega “*Lógos*” (λόγος), que pode significar “palavra”, “discurso”, “razão” ou “princípio inteligível”. Segundo Lino Rampazzo, professor nos cursos de Filosofia e de Teologia da Faculdade Canção Nova, de Cachoeira Paulista (SP), São João utiliza esse termo para comunicar uma realidade profunda: “Deus não é silencioso nem fechado em si mesmo. Deus se exprime eternamente em sua Palavra. Essa Palavra eterna é uma Pessoa: o Filho”.

Nascido em Padova, na Itália, e atualmente residente na cidade de Aparecida, em São Paulo, Rampazzo dedica-se ao ensino da Filosofia e da Teologia. Para ele, compreender Jesus como o Verbo é reconhecer que, em Cristo, Deus se comunica plenamente com a humanidade. Não é por acaso que São João escolhe apresentar Jesus como o Verbo logo nas primeiras palavras de seu Evangelho. O objetivo é revelar a identidade mais profunda de Cristo. “Para João, Jesus não é simplesmente um mestre, profeta ou enviado de Deus: ele é o Filho eterno de Deus que entrou na história humana”, explica o professor. Se Cristo é o Verbo eterno por meio do qual tudo foi criado, então Ele não é apenas alguém que aparece posteriormente na história para dar uma orientação moral ao homem. Ele está na própria origem, no fundamento e no destino de toda a criação.

O prólogo de João, presente nos versículos de 1 a 18 do primeiro capítulo, funciona, assim, como uma chave de leitura para todo o Evangelho. Antes mesmo de narrar os sinais realizados por Jesus ou seus encontros com as pessoas, o evangelista aponta

para sua origem eterna: Cristo existe antes de todas as coisas e, ao mesmo tempo, entra concretamente na história humana. Essa dimensão alcança seu ponto decisivo na afirmação “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). O Deus que se comunica não permanece distante. O Verbo eterno assume a condição humana e passa a habitar no meio dos homens.

A identidade de Jesus como Verbo também está diretamente ligada ao sentido da criação. O Evangelho de João afirma: “Tudo foi feito por meio dele, e sem Ele nada foi feito” (1,3).

Se tudo foi criado por meio do Verbo, a existência não é apresentada pela visão cristã como uma realidade sem origem ou finalidade. A criação possui seu fundamento no *Lógos*, na sabedoria e na Palavra eterna de Deus. São Paulo expressa uma compreensão semelhante ao escrever “Tudo foi criado por meio dele e para Ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste” (Cl 1,16-17).

Reconhecer Cristo como Verbo é também constatar que existe uma inteligibilidade e uma finalidade na realidade criada. Nele, a existência humana pode encontrar seu sentido mais profundo. A proximidade entre Cristo e a Palavra de Deus presente nas Sagra-



Imagem: Arquivo Pessoal

Lino Rampazzo.

das Escrituras pode gerar dúvidas, por isso, professor Rampazzo faz uma distinção teológica importante: “Jesus Cristo é o Verbo de Deus em sentido próprio e pessoal; a Sagrada Escritura é a Palavra de Deus em sentido derivado, porque testemunha e comunica por escrito a Palavra eterna”. Em outras palavras, “Jesus é o Verbo; a Escritura é a palavra que testemunha o Verbo”.

O Verbo não é, portanto, um livro, uma frase ou simplesmente uma mensagem religiosa. O Verbo é uma Pessoa divina: o Filho eterno, Jesus Cristo. A Escritura, por sua vez, contém a Palavra de Deus expressa em palavras humanas e inspiradas pelo Espírito Santo.

Essa compreensão também ilumina a maneira como os cristãos são chamados a se aproximar da Escritura. Ler a Bíblia não significa apenas buscar informações históricas ou ensinamentos morais, mas deixar-se conduzir ao encontro com aquele de quem ela dá testemunho. A presença de Cristo não pertence apenas ao passado: para a fé católica, o Verbo que se fez carne continua a encontrar-se com seu povo de maneira especial na Eucaristia. “A Eucaristia torna presente, de modo sacramental, o próprio Jesus Cristo, o Verbo que se fez carne”, afirma Rampazzo. Por isso, existe uma relação profunda entre Verbo, Escritura e Eucaristia. O mesmo Cristo anunciado pelas Escrituras e encarnado na história é aquele que se faz presente no Sacramento. “Quando recebemos a Eucaristia, temos sacramentalmente o próprio Cristo, seu corpo, seu sangue, sua alma e sua divindade”, ressalta o professor.

Assim, a frase “o Verbo está no meio de nós” ganha uma dimensão concreta na vida da Igreja. Aquele que entrou na história humana permanece presente e se oferece como alimento espiritual ao seu povo. A presença dele também pode ser reconhecida na convivência com os outros. Jesus estabelece essa relação de maneira profunda ao identificar-se com aqueles que sofrem e necessitam de ajuda: “Tudo o que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fizestes” (Mt 25,40). Para Rampazzo, essa afirmação revela algo que vai além de um simples convite à solidariedade. “Jesus não diz simplesmente que devemos ajudar os necessitados por amor a ele. Ele afirma algo ainda maior: ‘Foi a mim que o fizestes’”.

O encontro com Deus não se limita aos momentos celebrativos ou aos espaços de oração. Ele também se manifesta no cuidado, na fraternidade e na disposição de reconhecer a dignidade de quem está ao nosso lado, especialmente dos mais vulneráveis. Essa perspectiva desafia os cristãos a perceberem que a fé possui consequências concretas. Encontrar o Verbo significa também aprender a enxergar o próximo com um olhar renovado pela caridade.

Se Deus se exprime em sua Palavra eterna, a oração se torna um espaço privilegiado para escutar e responder a essa comunicação. Para o professor Lino Rampazzo, rezar não significa apenas falar com Deus, mas também aprender a escutá-lo: “A oração cria em nós um espaço de silêncio, abertura e comunhão no qual podemos acolher aquilo que Deus nos revela”, explica.



Imagem: Nguyễn Tiến Thịnh / Pexels

Entre as práticas que favorecem essa escuta está a *lectio divina*, método de oração e leitura orante da Sagrada Escritura fundamental no encontro com o Verbo. A *lectio divina* permite aproximar-se da Bíblia não apenas como um documento histórico ou literário, mas como um lugar de escuta da Palavra que conduz ao próprio Cristo. O professor resume esse percurso em uma sequência: “Verbo → Escritura → *lectio divina* → oração → encontro com Cristo → transformação da vida”. A Escritura se torna, dessa forma, caminho de encontro, escuta e transformação. A Palavra lida na fé conduz ao Verbo que lhe dá plenitude.

No mundo contemporâneo, marcado pelo imediatismo, excesso de informações, redes sociais e todos outros artifícios que contribuem para distrações e falta de foco, reconhecer que “o Verbo está no meio de nós” pode exigir uma atenção ainda maior. Para Rampazzo, Cristo continua presente, atuante e próximo, embora sua presença muitas vezes seja discreta e exija um olhar educado pela fé: “... E o Verbo se fez carne e habitou entre nós”.

O termo “habitou”, segundo o professor, possui uma riqueza especial. O Verbo não visitou simplesmente a humanidade, mas entrou verdadeiramente na história. Em Jesus Cristo, Deus assumiu a condição humana e conheceu as experiências que fazem parte da vida: o trabalho, a amizade, a alegria, o sofrimento e a morte, por isso, a fé cristã não busca Deus somente “fora” do mundo, ela reconhece que Deus entrou na história e permanece próximo da humanidade.

A diferença está na capacidade de cultivar a atenção. “A distração dispersa, mas a atenção recolhe. E a fé necessita desse olhar atento”, diz o professor. Reconhecer Jesus como o Verbo de Deus é contemplar Cristo como aquele que revela plenamente Deus e, ao mesmo tempo, ilumina o sentido de toda a realidade. Por meio dele tudo foi criado.

De forma mais concreta, o Verbo pode ser encontrado na escuta das Sagradas Escrituras, na presença eucarística, no encontro com os irmãos e na oração que abre o coração ao diálogo com Deus. Não à toa o Verbo anuncia sua presença no silêncio da oração, na Palavra proclamada, no altar, no rosto do próximo e nas situações ordinárias da vida. O Verbo está sempre entre nós! ●

Imagem: Israel Torres / Pexels



Imagem: speed300 / Adobe Stock

A PASCOM E A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

♦ Fabiano Fachini* ♦

A inteligência artificial pode ser uma aliada da comunicação pastoral, mas seu uso exige discernimento. Antes de utilizar uma ferramenta dela, a Pastoral da Comunicação (Pascom) – e todas pastorais – deve se perguntar e refletir sobre os pontos a seguir.

1. Qual é a finalidade? A inteligência artificial está ajudando a comunicar melhor ou estamos usando apenas porque é mais rápido e fácil?

2. A pessoa continua no centro? Não substitua os rostos, vozes, histórias e experiências reais da comunidade por imagens artificiais.

3. Cuidado com os rostos. Evite alterar ou “melhorar” características de pessoas reais. Uma pequena mudança pode descaracterizar alguém.

4. Não crie acontecimentos que não aconteceram. Uma imagem gerada por inteligência artificial

não deve fazer parecer que uma celebração, evento ou situação aconteceu quando isso não é real.

5. Cuidado com imagens de santos e símbolos da fé. Pergunte se a representação criada respeita a tradição, a identidade e o sentido religioso daquilo que está sendo comunicado.

6. Verifique o resultado. A inteligência artificial pode inventar informações, apresentar erros ou criar imagens com detalhes incorretos. Sempre revise antes de publicar.

7. Seja transparente. Quando o uso da inteligência artificial puder levar o público a acreditar que aquela imagem ou conteúdo é um registro real, informe que se trata de uma criação artificial.

8. Preserve a identidade da paróquia. Não permita que a facilidade de gerar imagens faça a comunicação perder sua identidade visual, seus símbolos e sua linguagem.

9. Proteja dados, imagens e informações. Antes de enviar fotos, documentos, nomes ou informações de pessoas para uma ferramenta de inteligência artificial, verifique como esses dados serão tratados.

10. Use a inteligência artificial para ampliar, não para substituir. A tecnologia pode ajudar a Pastoral da Comunicação a criar, organizar, revisar e experimentar, mas criatividade, discernimento, sensibilidade pastoral e responsabilidade continuam sendo humanos.

Antes de perguntar “qual ferramenta podemos usar?”, pergunte: “Isso ajuda a nossa comunidade a comunicar melhor a vida da Igreja e a criar um encontro com Cristo?”.●

***Fabiano Fachini**, formado em Comunicação Social Jornalismo e MBA em Marketing, realiza palestras e workshops pelo Brasil sobre comunicação e redes sociais na Igreja. Em seu Instagram, reúne comunicadores interessados em conteúdo e estratégia para a gestão de mídias digitais.



“SEU REINO
JAMAIS SERÁ

DESTRUÍDO!”
(DN 7,14)

♦ Pe. Diego Lelis, cmf ♦

Em setembro, a Igreja no Brasil celebra o Mês da Bíblia, convidando-nos a uma aproximação mais atenta da Sagrada Escritura. Em muitas comunidades, a Bíblia recebe um lugar de destaque nas celebrações, nos encontros de formação, nos círculos bíblicos e nas casas. Esse gesto possui uma beleza própria, pois nos recorda que a Palavra de Deus deseja encontrar espaço em nossas vidas, iluminar nossas escolhas e ajudar-nos a compreender os caminhos que percorremos.

A celebração acontece neste mês em razão da memória de São Jerônimo, no dia 30 de setembro. Ele dedicou grande parte de sua vida ao estudo e à tradução das Escrituras, reconhecendo que o conhecimento da Palavra nos conduz ao encontro com Cristo.

Em 2026 somos convidados a conhecer com maior profundidade o Livro de Daniel, iluminados pelo lema “Seu reino jamais será destruído” (7,14). Muitos de nós conhecemos Daniel desde a infância, especialmente pelas narrativas da cova dos leões, da fornalha ardente e dos sonhos que ele interpretava. Com o passar dos anos, podemos retornar a essas histórias e descobrir nelas a experiência de um povo que procurava manter a fé em meio às perseguições, ao exílio e às tentativas de apagar sua identidade.

Daniel vivia em uma terra estrangeira. Ele e seus companheiros haviam sido levados para a Babilônia e passaram a conviver com uma cultura que desejava modificar seus

costumes, sua alimentação, seus nomes e sua maneira de viver.

Uma das cenas mais bonitas do livro acontece quando Daniel fica sabendo da existência de um decreto que proibia qualquer oração dirigida a outro deus ou pessoa que não fosse o rei. Ao tomar conhecimento da ordem, ele entra em sua casa, abre a janela voltada para Jerusalém, ajoelha-se e reza como fazia diariamente (cf. Dn 6,11).

A janela aberta para Jerusalém guardava a memória de sua terra, do templo, de sua família e da aliança de Deus com o povo. Enquanto rezava, Daniel reconhecia sua origem e mantinha vivo o sentido de sua existência. Seu corpo estava na Babilônia, inserido na estrutura do império, enquanto seu coração permanecia voltado para o Deus de Sião.

Aquela oração cotidiana foi formando em Daniel a coragem necessária para enfrentar os momentos difíceis. Sua fidelidade havia sido cultivada ao longo do tempo, nos gestos repetidos, na consciência educada e na confiança depositada em Deus. Assim também acontece conosco: as decisões mais importantes de nossas vidas são preparadas pelas pequenas escolhas que fazemos todos os dias. A oração, a leitura da Palavra, a participação na comunidade e o cuidado com os outros vão formando nossos corações e oferecendo critérios para atravessarmos os tempos de confusão.

O Livro de Daniel nasceu dentro de uma história marcada pela

perseguição e pelo sofrimento, por isso, suas páginas estão repletas de imagens fortes, como grandes animais, estátuas, reis, chifres, tronos e visões. Essa linguagem ajudava o povo a compreender sua realidade e a alimentar a esperança.

Os impérios costumavam apresentar-se como invencíveis. Seus governantes exigiam reverência, levantavam estátuas e utilizavam o medo para garantir a obediência. O povo que escutava as narrativas de Daniel recebia uma mensagem de coragem. Os reis passariam, os impérios perderiam sua força e as feras que espalhavam o terror seriam vencidas. O Reino de Deus permaneceria, pois estava sustentado na justiça, na fidelidade e no cuidado com o seu povo.

Essa esperança alcança também os nossos dias. Ainda convivemos com poderes que desejam ocupar a consciência das pessoas, orientar seus desejos e determinar a maneira como elas devem pensar. Algumas vezes, esses poderes utilizam a violência, a mentira, o dinheiro e até mesmo a religião para conquistar espaço. Diante dessas realidades, a experiência de Daniel nos ajuda a perguntar para onde estão voltadas as janelas de nossos corações.

Manter a janela aberta para Jerusalém significa conservar a memória de Deus em meio aos nossos afazeres. Significa guardar um espaço interior para a oração, para o discernimento e para a escuta. Significa recordar que nossa fé possui uma história, foi transmitida por uma comunidade e continua

alimentada pela vida de tantas mulheres e homens que permaneceram fiéis ao Evangelho.

O lema deste Mês da Bíblia afirma que o Reino de Deus jamais será destruído. Jesus retomou essa esperança ao anunciar a proximidade do Reino e torná-lo presente em sua própria vida. Por onde passava, os enfermos encontravam cuidado, os pecadores recebiam misericórdia, os pobres recuperavam a dignidade e os excluídos voltavam a ocupar um lugar na comunidade. O Reino estava presente nos gestos que devolviam vida e esperança ao povo.

Celebrar o Mês da Bíblia pede de nós uma escuta capaz de alcançar a existência. A Palavra deseja participar de nossas escolhas, de nossas relações, da maneira como exercemos autoridade e da forma como cuidamos dos mais fragilizados. A leitura comunitária da Bíblia ajuda-nos a perceber os sinais do Reino que já estão presentes entre nós, nas pessoas que repartem o pão, defendem a justiça, acolhem os feridos e permanecem próximas daqueles que atravessam suas fornhas e covas.

Daniel nos ensina que a fé pode florescer também em terras estrangeiras e em tempos difíceis. Sua janela permaneceu aberta, sua oração continuou sendo feita e sua esperança sustentou outros que enfrentavam as mesmas dores. Que neste mês de setembro a Palavra de Deus abra também nossas janelas interiores e nos ajude a olhar a vida com fé, coragem e esperança. ●



VIVER É MELHOR:

SETEMBRO AMARELO
E O DOM DE VIVER

NO SETEMBRO AMARELO,
FALAR SOBRE SAÚDE MENTAL
É TAMBÉM ABRIR ESPAÇO PARA
A ESCUTA, O ACOLHIMENTO E A
ESPERANÇA, RECONHECENDO
QUE, MESMO EM MEIO À DOR, É
POSSÍVEL ENCONTRAR RAZÕES
PARA VIVER

♦ Renata Moraes ♦

É nesse horizonte que o Setembro Amarelo, campanha dedicada à conscientização e à prevenção do suicídio, ganha importância. Mais do que uma mobilização de um mês, a iniciativa convida a sociedade a olhar para um problema de saúde pública que exige informação, acolhimento e atuação conjunta. O tema precisa estar presente nas famílias, escolas, serviços de saúde, espaços de trabalho e também nas comunidades de fé.

Segundo dados oficiais do Ministério da Saúde, o Brasil registrou 15.507 suicídios em 2021, uma média de 42 mortes por dia. Entre adolescentes de 15 a 19 anos, o suicídio aparece como a segunda maior causa de morte, enquanto, entre jovens de 20 a 29 anos, figura entre as principais causas. Dados da Organização Mundial da Saúde apontam, ainda, que mais de 700 mil pessoas morrem por suicídio todos os anos no mundo.

Para refletir sobre o tema, a *Revista Ave Maria* ouviu o padre Licio de Araújo Vale, sacerdote e especialista em prevenção do suicídio, e a psicóloga Daiane Piarete, neuropsicóloga e especialista em psicoterapia junguiana. A partir de perspectivas diferentes e complementares, eles ajudam a compreender o sofrimento psíquico, o papel da família e da comunidade e os caminhos possíveis para preservar a vida.

RECONHECER OS SINAIS É UMA FORMA DE CUIDAR

Uma das primeiras dificuldades na prevenção está em reconhecer que alguém próximo pode estar sofrendo. Nem sempre a dor se manifesta de forma evidente. Ela pode aparecer em mudanças no cotidiano: isolamento, perda de interesse por atividades antes apreciadas, alterações no sono ou na alimentação, mudanças de comportamento ou falas que expressam sofrimento.

Para o padre Licio, familiares, amigos e comunidades precisam estar atentos, principalmente, às mudanças de comportamento e às falas. “Os sinais principais de sofrimento emocional são as mudanças comportamentais, as mudanças de padrões de humor, mudanças de padrões de sono, mudanças de padrões de alimentação”, explica.

O sacerdote chama atenção também para aquilo que é verbalizado. “Além disso, ficar atento também às falas. As pessoas muitas

vezes, quando estão em dor emocional, elas falam frases como: ‘eu não tô bem’, ‘eu não tô legal’, ‘eu tô triste’, ‘tô muito triste’.”

A psicóloga Daiane Piarete ressalta que é importante distinguir a tristeza, parte da experiência humana, de um sofrimento que compromete significativamente a vida. “A tristeza é uma emoção humana e pode aparecer diante de perdas, frustrações e mudanças. O sinal de atenção surge quando esse sofrimento persiste, se intensifica e começa a comprometer a vida da pessoa, seu sono, relações, trabalho, interesse pelas atividades cotidianas e capacidade de encontrar sentido”, afirma.

Em sua abordagem, fundamentada na psicologia junguiana, Daiane entende que o sofrimento também pode indicar algo no mundo interior que precisa ser reconhecido e elaborado. “Jung nos convida a não olhar apenas para o sintoma, mas também a perguntar: o que esse sofrimento está tentando comunicar?”



Imagem: Arquivo Pessoal

Padre Licio de Araújo Vale.

“Então, a diferença não está simplesmente entre estar triste ou estar bem. Está principalmente na intensidade, duração, prejuízo para a vida e perda de sentido. O sofrimento precisa de atenção profissional quando a pessoa percebe que já não está conseguindo atravessá-lo com os recursos que possui”, destaca.

PEDIR AJUDA NÃO É SINAL DE FRAQUEZA

Ainda existe resistência em procurar ajuda psicológica ou psiquiátrica, seja por preconceito, vergonha ou pela falsa ideia de que é

ou interferindo na maneira de viver, trabalhar, relacionar-se e encontrar sentido na própria vida”, afirma.

“A procura pela psicoterapia também é reconhecer que existem momentos em que precisamos de ajuda para compreender aquilo que está acontecendo em nosso mundo interior. Nem sempre conseguimos atravessar determinadas situações sozinhos. Pedir ajuda também pode ser um movimento de autocohecimento e cuidado”, acrescenta.

Em algumas situações, o acompanhamento psicológico precisa estar associado ao atendimento psiquiátrico. A avaliação médica é especialmente importante diante de maior intensidade dos sintomas ou comprometimento significativo, como alterações importantes de sono e apetite, crises frequentes, sintomas psicóticos, episódios de mania, depressão grave, uso problemático de substâncias ou pensamentos relacionados à morte e ao suicídio.

Embora a logoterapia não seja a base profissional de Daiane, cuja atuação é fundamentada na psicologia junguiana, ela reconhece a contribuição de Viktor Frankl para pensar os motivos que mantêm uma pessoa vinculada à vida.

“Embora a logoterapia não seja minha base de atuação, minha prática é fundamentada na psicologia junguiana. Tenho muito apreço pela obra de Viktor Frankl e pela maneira como ele compreende a busca humana por sentido”, afirma.

Em momentos de sofrimento intenso, a pessoa pode perder de vista aquilo que dava significado à existência. “Frankl nos ajuda a pensar sobre os sentidos e os motivos que nos mantêm vinculados à vida. Quando o sofrimento psíquico se intensifica, muitas vezes a pessoa deixa de enxergar esses motivos. O futuro fica estreito, os vínculos perdem força e aquilo que antes tinha significado parece desaparecer”, explica.



Imagem: Arquivo Pessoal

Psicóloga Daiane Piarete.

preciso resolver tudo sozinho. Daiane ressalta que a psicoterapia não deve ser procurada apenas quando o sofrimento chega ao limite.

“A ajuda psicológica não precisa ser procurada apenas quando a pessoa chega ao limite. Ela pode ser necessária quando percebemos que o sofrimento está persistindo, se repetindo

ACOLHER SEM JULGAR

Reconhecer os sinais é importante, mas saber responder a eles também. Diante de alguém que manifesta sofrimento intenso ou fala sobre não querer mais viver, o primeiro passo não é oferecer uma resposta pronta ou minimizar a dor. É escutar. “É o momento de acolher, escutar e perguntar claramente sobre o que ela está sentindo”, orienta a psicóloga Daiane.

Quando existe risco, a pessoa não deve permanecer sozinha. A família deve ajudá-la a chegar a um serviço de saúde para avaliação profissional e procurar reduzir o acesso a meios que possam ser utilizados em uma tentativa de autoagressão.

Nem todo comportamento autolesivo significa necessariamente intenção de morrer, mas é sempre um sinal de sofrimento. “Precisamos compreender que muitos desses comportamentos são sinais de sofrimento e, algumas vezes, uma forma de pedir ajuda. Nem sempre a pessoa consegue dizer claramente: ‘eu não estou bem’ ou ‘eu preciso de ajuda’”, explica a psicóloga Daiane.

Por isso, dizer que alguém apenas “quer chamar a atenção” pode desqualificar uma dor que precisa ser escutada. “Se existe uma tentativa de chamar a atenção, precisamos nos perguntar: atenção para quê? O que essa pessoa está tentando comunicar sobre o sofrimento dela?”, questiona.

“Quando alguém diz que não quer mais viver, a nossa tarefa não é encontrar uma resposta perfeita. É levar essa fala a sério, permanecer junto e ajudar essa pessoa a chegar ao cuidado de que precisa”, afirma.

UMA IGREJA QUE ACOLHE A DOR

As comunidades religiosas também podem integrar a rede de proteção. A Igreja não substitui psicólogos, psiquiatras ou serviços de saúde, mas pode oferecer presença, escuta, acolhimento e vínculos concretos.

Para o padre Licio, a proximidade não deve se limitar à oração. “A Igreja e a comunidade podem colaborar sendo parte de uma rede de proteção. Procurar estar próximo da pessoa e, além de rezar por ela, fazer com que ela participe mais ativamente das pastorais da comunidade ou também dos movimentos”, afirma.

“Quanto maior for a rede social e quanto mais contatos a pessoa tiver, melhores serão as suas condições físicas e emocionais”, explica.

Para quem vive a fé cristã, falar sobre sofrimento e suicídio também requer cuidado com interpretações que associem a dor à falta de fé ou de oração. O sofrimento emocional não elimina a necessidade de tratamento profissional.

“O acolhimento é fundamental. Não julgar a dor do outro. Ser acolhedor”, afirma o padre Licio. O sacerdote reconhece, porém, que esse é um desafio pastoral. “Muitas vezes, quando as pessoas da comunidade estão doentes, seja física, seja emocionalmente, a comunidade tem dificuldade de estar presente na vida e na casa daquela pessoa, daquela família.”

A espiritualidade pode ser fonte de esperança, mas não deve substituir o tratamento. “Quando falamos de prevenção do suicídio, no entanto, antes de qualquer busca por sentido, precisamos acolher, proteger e tratar”, afirma a especialista em psicoterapia junguiana.

A psicóloga Daiane retoma a imagem das moradas de Santa Teresa d’Ávila: “Às vezes, a pessoa está tão imersa na morada em que se encontra que não consegue perceber que existem outras. E o cuidado pode ser justamente acompanhá-la até que ela consiga novamente perceber que sua história não termina naquele lugar de sofrimento”.

VIDA, DIGNIDADE E ESPERANÇA

Também é necessário superar a ideia de que pedir ajuda é sinal de fraqueza ou falta de fé. “Outro grande desafio é que as pessoas que estão com dificuldades emocionais ou psicológicas,



elas têm uma resistência maior a pedir ajuda, como se buscar ajuda fosse um sinal de fraqueza ou mesmo falta de fé. Não é”, afirma.

E completa: “Pedir ajuda é fundamental para que a dor emocional possa ser identificada.”

O sacerdote chama atenção para a dor que existe por trás do desejo de morrer. “O suicida, na grande maioria dos casos, não quer pôr fim à sua vida; ele quer pôr fim à sua dor: à sua dor mental, à sua dor emocional, à sua dor psicológica, que para ele, para ela, beira as raias do insuportável.”

“Por isso, é importante buscar ajuda, porque, se formos capazes de olhar para a dor e cuidar dela, de fato prevenimos o suicídio e minimizamos a possibilidade de a pessoa se autoexterminar”, afirma.

No âmbito da fé, outro desafio é evitar julgamentos sobre a salvação de quem morreu por suicídio. “Outro desafio grande, sobretudo no âmbito da fé, é aquele de achar que quem se mata não tem salvação, ou quem se mata vai necessariamente para o inferno”, afirma.

O Catecismo da Igreja Católica aborda o suicídio nos números 2280 a 2283. O ensinamento reconhece a gravidade moral do ato, mas afirma que não se deve desesperar da salvação das pessoas que morreram por suicídio. Graves perturbações psíquicas, angústia ou medo intenso do sofrimento podem diminuir a responsabilidade da pessoa, e a Igreja orienta os

fiéis a rezar por aqueles que tiraram a própria vida. A prevenção começa muito antes de uma emergência. Passa pela construção de vínculos, pelo acesso à informação, pela valorização da saúde mental e pela redução do preconceito.

É nesse ponto que a reflexão de Viktor Frankl pode dialogar com a espiritualidade cristã. A busca por sentido não elimina o sofrimento nem oferece respostas fáceis. Há histórias que podem ser reconstruídas, vínculos restaurados, caminhos descobertos e sentidos que podem voltar a nascer.

Como recorda Daiane, “o cuidado pode ser justamente acompanhá-la até que ela consiga novamente perceber que sua história não termina naquele lugar de sofrimento”.

A mensagem do padre Licio é direta: “Cuide-se. Não sofra sozinho, ninguém precisa sofrer sozinho. Busque ajuda.”

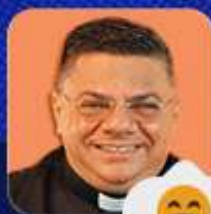
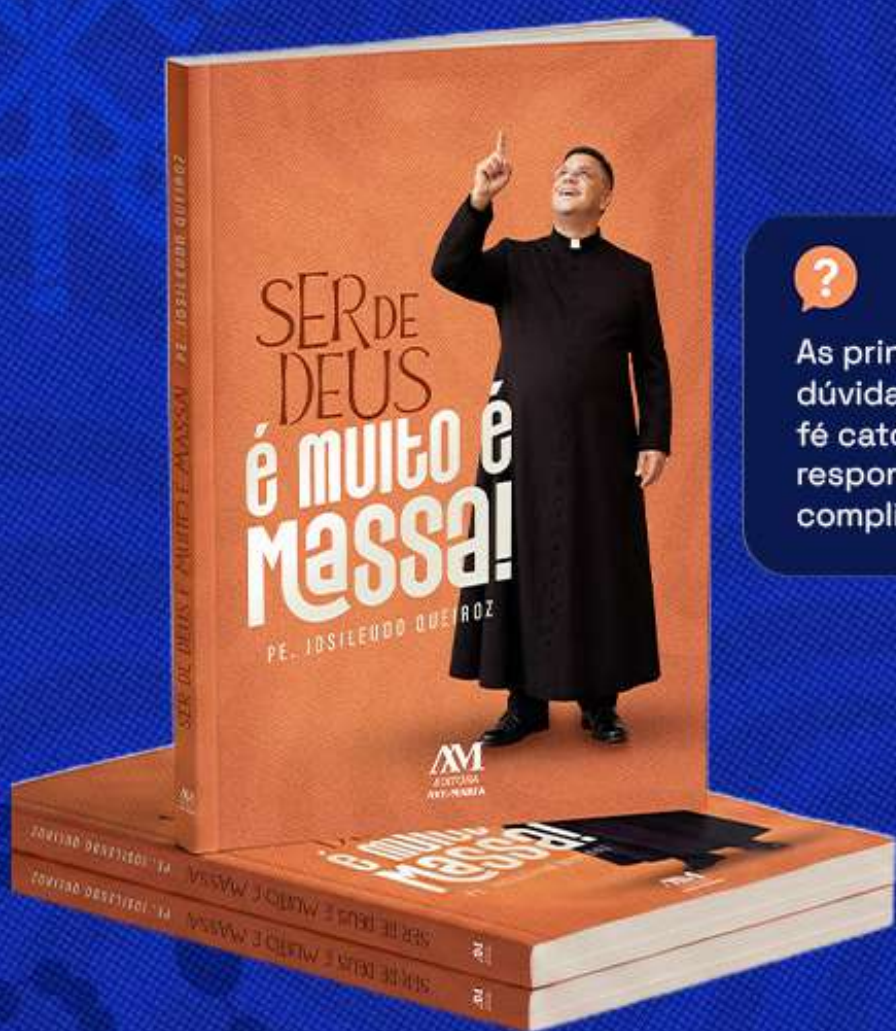
Ele orienta: “Sempre haverá alguém que nos ama e que estará disposto a nos ajudar. E buscar ajuda é buscar ajuda profissional: psicólogo, psiquiatra ou CAPS — Centro de Atenção Psicossocial. Busque ajuda, não sofra sozinho.”

Ao concluir sua mensagem aos leitores da *Revista Ave Maria*, o sacerdote retoma aquilo que está no centro desta reportagem: a vida. “Porque a vida é o bem maior que Deus nos deu e ela é um aprendizado que sempre vale a pena viver.”

Falar de prevenção do suicídio é reafirmar que cada vida importa. É reconhecer que nenhuma pessoa deve ser reduzida à sua dor e que nenhum sofrimento precisa ser atravessado em solidão.

Cuidar da vida é responsabilidade de todos. Para nós, cristãos, é também uma expressão concreta do amor ao próximo. A vida é dom. É história. É possibilidade. É o caminho. E, mesmo quando não conseguimos enxergar a próxima morada, sempre pode existir alguém disposto a caminhar conosco até que seja possível encontrar novamente a luz. ●

Para você, que decidiu que ser de Deus **não é paia!**



As principais
dúvidas da
fé católica
respondidas sem
complicação.

ACESSE O SITE AVEMARIA.COM.BR E
NOSSAS REDES SOCIAIS PARA SABER MAIS



AM
EDITORA
AVE MARIA

FÉ E TECNOLOGIA: O FUTURO JÁ CHEGOU.



DOM EDSON ORIOLO APRESENTA
REFLEXÕES ESSENCIAIS SOBRE
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL,
EVANGELIZAÇÃO E FÉ.

ACESSE O SITE AVEMARIA.COM.BR E
NOSSAS REDES SOCIAIS PARA SABER MAIS



M
EDITORA
AVE MARIA

◆ Da Redação ◆

ram saudade nos corações são-miguelenses.

No dia 13 de janeiro de 1913, deu-se a posse, em nossa igreja, ao Monsenhor Henrique Volta. Nascido em Novellara, província italiana de Reggio Emilia, permaneceu conosco por um longo período de mais de dezenove anos, até 16 de abril de 1932. Seu título de monsenhor foi-lhe concedido pelo Papa Pio X. Realizou o trabalho de pastoreio com fé de apóstolo e com zelo e carinho de pai. Estimado por todos, deixou marcas, como a reforma da capela. Adquiriu, com a ajuda dos fiéis, a nova imagem de São Miguel Arcanjo hoje colocada no alto da torre da igreja, de frente para a praça da basílica, abençoando e protegendo-nos.

No dia 1º de dezembro de 1944 foi lançada a pedra fundamental da nova igreja matriz. As obras iniciaram-se no dia 2 de janeiro de 1945.

Nomeou-se Padre Humberto Ghizzi como novo pároco. A posse deu-se no dia 1º de janeiro de 1945. Durante o seu paroquiatto foi dado início ao trabalho da construção da nova igreja matriz.

No dia 6 de fevereiro de 1947 foi nomeado novo pároco, Padre Francisco Ribeiro. Dedicou-se extremamente à parte espiritual dos paroquianos, ao social e, da mesma forma, com ímpeto, à continuidade da construção da nova igreja matriz. Generoso, simples e humilde, mas firme no propósito de concluir a matriz, cativou a todos, que se empenharam na construção: quermesses, leilões, festas, doações, serviços, rifas, campanhas... e a igreja ia se le-

vantando! Com o passar dos anos, surgia, imponente e bela, a matriz, considerada o cartão-postal da cidade, com sua alta torre visualizada de longe.

As obras de engenharia foram concluídas em 18 de novembro de 1952. O senhor bispo diocesano, Dom José Carlos Aguirre, agradeceu ao doutor Renato Scoponi,

Sua arquitetura é neogótica e causa admiração em todos os visitantes. Essa bela arquitetura é referencia em toda a região e como disse Dom Jose Carlos de Aguirre, bispo diocesano de então, na Festa de Cristo Rei em 30 de outubro de 1960, “A matriz de São Miguel Arcanjo é um dos mais suntuosos templos de nossa diocese”.

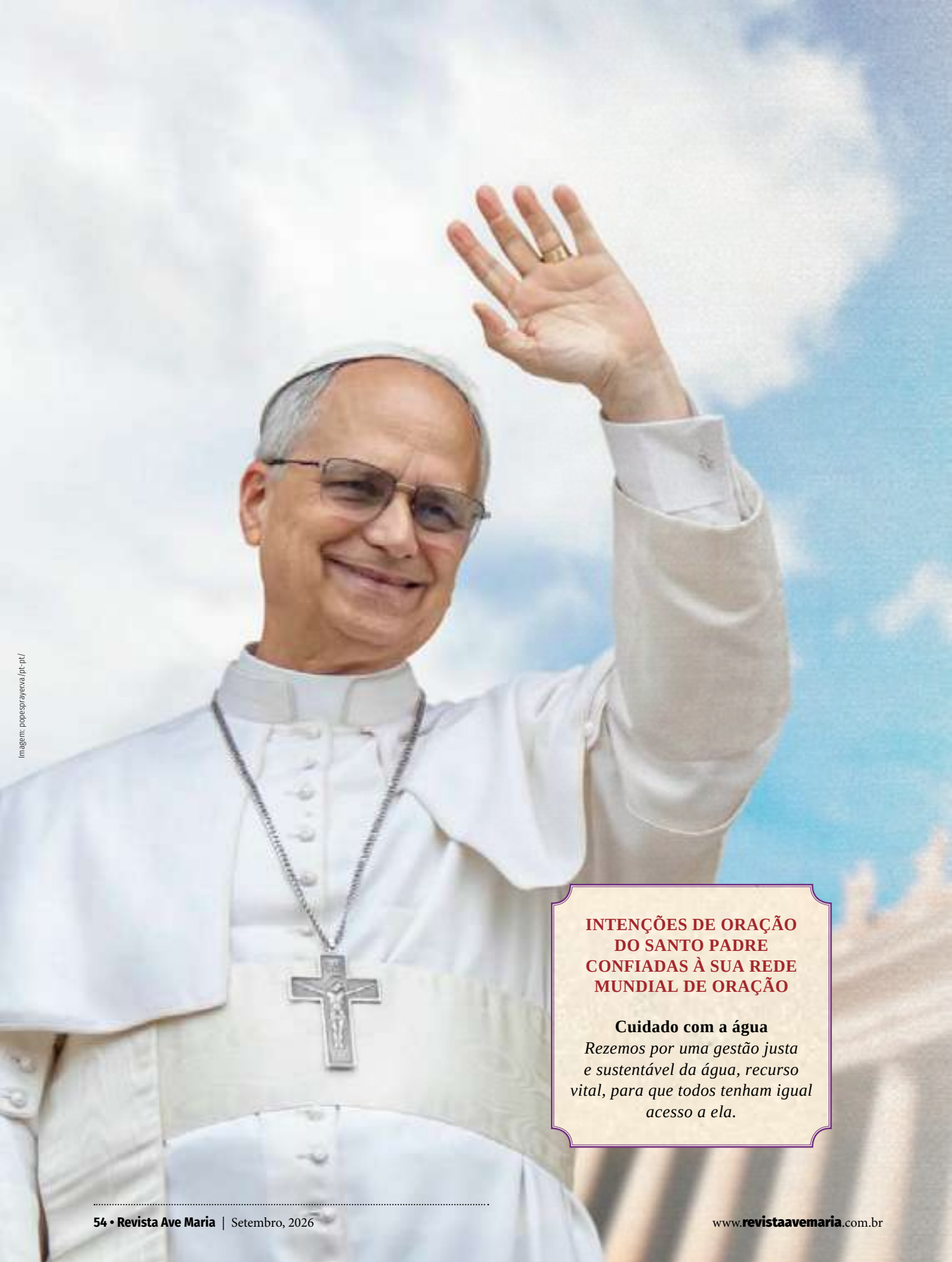


Imagem: Divulgação/Diocese de Itapetininga

engenheiro que projetou a construção sem cobrar honorários, fazendo de forma generosa um trabalho de maestria para encher nossos olhos com a beleza majestosa da matriz. Logo foram adquiridos os sinos, os relógios, os capitéis e painéis, as colunas, altar-mor, escadaria, piso, arcos, mesa da comunhão, sacristia...

No mês de fevereiro de 1962 foram totalmente concluídas as obras da matriz, iniciadas em janeiro de 1945, levando dezessete anos de construção.

Na área externa temos a torre como destaque principal com 31 metros, tendo a cobertura em forma de pirâmide, as colunas com seus detalhes, a rosácea no centro da torre principal, as janelas com seus vitrais e a imponente nave principal. Na área interna, a nave é composta por suas colunas tipo coríntias e os arcos formando grandes abóbodas, que são interligadas. Esses detalhes caracterizam bem as construções neogóticas realizadas no Brasil, no século passado. ●



**INTENÇÕES DE ORAÇÃO
DO SANTO PADRE
CONFIADAS À SUA REDE
MUNDIAL DE ORAÇÃO**

Cuidado com a água

*Rezemos por uma gestão justa
e sustentável da água, recurso
vital, para que todos tenham igual
acesso a ela.*



PALAVRA DO PAPA

Alerta sobre os riscos da IA para a humanidade: “Não somos feitos apenas de algoritmos”, diz o Papa

♦ Da Redação ♦

O Papa Leão XIV alertou que o uso da inteligência artificial sem responsabilidade pode desumanizar as relações, enfraquecer o pensamento crítico e ameaçar a identidade humana.

Para o Pontífice, o rosto e a voz são expressões fundamentais de cada pessoa: *“Foram-nos dados por Deus, que nos criou à Sua imagem e semelhança.”*

O DESAFIO É HUMANO

A proliferação de imagens, vídeos e notícias falsas produzidos por IA não representa apenas um problema tecnológico. Ao simular empatia, amizade e sentimentos, esses sistemas podem interferir profundamente nas relações humanas.

“Não somos uma espécie feita apenas de algoritmos bioquímicos predeterminados”, afirmou o Papa.

Entre os principais riscos da inteligência artificial, Leão XIV destacou:

- a disseminação de conteúdos falsos;
- o enfraquecimento da reflexão e do pensamento crítico;
- a formação de bolhas digitais;
- a manipulação das emoções;
- a dificuldade de distinguir pessoas de robôs;
- o controle da tecnologia por poucas empresas.

Sobre a dependência da IA, advertiu: *“Abdicar do esforço do próprio pensamento, contentando-se com uma compilação estatística artificial, arrisca-se, a longo prazo, a corroer nossas capacidades cognitivas, emocionais e comunicativas.”*

O Papa também chamou a atenção para sistemas que imitam sentimentos humanos: *“Chatbots excessivamente ‘afetuosos’ podem tornar-se arquitetos ocultos de nossos estados emocionais, invadindo a esfera íntima das pessoas.”*

TECNOLOGIA A SERVIÇO DAS PESSOAS

Como resposta a esses desafios, Leão XIV defendeu três princípios:

- responsabilidade;
- cooperação;
- educação.

O Pontífice pediu maior transparência das empresas e a ampliação da educação midiática e sobre inteligência artificial.

“Precisamos que rosto e voz voltem a revelar a pessoa. Precisamos guardar o dom da comunicação como a verdade mais profunda do homem, orientando a inovação tecnológica.”

Para o Papa, o objetivo não é impedir o avanço da tecnologia, mas garantir que ela permaneça a serviço das pessoas, do encontro e do bem comum. ●

A PSICOPEDAGOGIA CATEQUÉTICA NA ADOLESCÊNCIA TARDIA

♦ Jeciandro Pessoa* ♦

A adolescência tardia é a fase de transição entre a adolescência e a vida adulta, marcada por um maior desenvolvimento da identidade pessoal, pela consolidação das convicções e pelo aprofundamento dos valores. Esse período apresenta resolução da crise de identidade versus confusão de papéis (cf. *Diretório para a catequese*, 248), no qual o adolescente busca assumir um papel claro na sociedade, estabelecendo compromissos e escolhas de vida coerentes.

Os adolescentes nessa etapa já operam no estágio das operações formais, o que significa que conseguem pensar de forma abstrata, dedutiva e projetar-se no futuro, embora as decisões emocionais ainda possam ser instáveis. Os autores Padre Eduardo Calandro e Jordélio Siles explicam o seguinte: “É uma fase de fortes sentimentos e emoções, com intensos relacionamentos de oposição. Duas importantes tarefas durante esse período são: transformar-se de uma pessoa dependente em uma pessoa independente e estabelecer uma identidade” (*Psicopedagogia catequética: reflexões e vivências para a catequese conforme as idades*. Volume 2 – Adolescentes e jovens, p. 36).

Do ponto de vista psicopedagógico catequético, o catequista deve reconhecer que, nessa fase, o adolescente tardio está apto a compreender verdades teológicas mais profundas, relacionar conceitos da fé com problemas éticos e sociais e integrar fé e vida de maneira mais consciente. É um tempo propício para a maturação espiritual e para o discernimento vocacional. Obviamente que isso só é possível quando se tem clareza do processo catequético conforme as idades e que cada fase da vida tem seu desenvolvimento e crescimento próprio.

O *Diretório para a catequese* (2020) afirma: “Os adolescentes estão a caminho, em trânsito. (...) Vivem exatamente esta tensão, antes de tudo em si mesmos e depois com quantos os circundam. (...) Faz parte do crescimento normal e natural da vida dos nossos adolescentes” (248). Por isso, nessa fase a catequese precisa favorecer o diálogo entre fé e razão, especialmente diante dos desa-

fios culturais e científicos do mundo atual. Aspectos psicopedagógicos na catequese da adolescência tardia:

- **Integração fé-vida:** é o momento de ajudar o jovem a tomar decisões baseadas nos valores evangélicos, seja na escolha profissional, afetiva ou vocacional;

- **Participação ativa:** propor responsabilidades concretas na comunidade, ajudando-o a se ver como protagonista da missão da Igreja;

- **Formação doutrinal sólida:** ensinar com profundidade os fundamentos bíblicos, teológicos e morais da fé, mostrando a coerência entre a fé católica e os grandes desafios humanos;

- **Acompanhamento pessoal:** escuta ativa e discernimento espiritual para ajudá-lo a superar crises de fé, dúvidas e pressões externas.

Por fim, catequista, nesse momento é preciso fazer atividades constantes, pois os catequizandos já têm capacidade de participar ativamente da vida em comunidade e viver relações de amizade profunda. Você precisa ser um amparo para seus catequizandos e sempre que possível conversar com eles noutros momentos fora da catequese. É tempo também de começar a falar sobre vocação e convidá-los para ajudar na catequese. Não se pode negligenciar a inclusão deles em atividades pastorais. ●

***Jeciandro Pessoa** é autor do livro *Como pensar a catequese a partir da família*. Atualmente, trabalha com formação de catequista pelo projeto *Pensar Catequese*.



Imagem: Israel Torres / Pexels

◆ Matheus Pinheiro* ◆

SENTIR E NÃO CONSENTIR:

EIS O SEGREDO DE UMA VIDA CASTA!

♦ Pe. Luiz Antônio de Araújo Guimarães* ♦



Imagem: Magnific

O nono mandamento, que trata de não desejar a mulher do próximo, caminha lado a lado com o sexto mandamento, que orienta a não pecar contra a castidade. Para evitar que esses pecados sejam cometidos, é preciso que a pessoa tenha clareza sobre seus sentimentos, a fim de ordená-los adequadamente.

Muitos adolescentes, quando chegam à puberdade, ficam assustados com as mudanças que ocorrem em seu corpo e com o despertar da consciência sexual. É nessa fase que precisam receber dos pais uma orientação segura e sem tabus, para que aprendam a controlar seus impulsos. Isso requer pureza de coração, tanto da parte dos pais, ao orientá-los, quanto da parte dos filhos, ao acolherem essas orientações.

A pureza de coração implica abordar essas realidades sem recorrer a termos pejorativos, isto é, sem vulgarizá-las, mantendo a serenidade e a seriedade. O *Catecismo da Igreja Católica*, no número 2519, assegura:

Aos “puros de coração” é prometido que verão a Deus face a face e serão semelhantes a Ele. A pureza do coração é condição prévia para a visão. Já desde agora, permite-nos ver segundo Deus, aceitar o outro como um “próximo” e compreender o corpo humano, o nosso e o do próximo, como um templo do Espírito Santo, uma manifestação da beleza divina.

Sabidamente, a Igreja ensina isso porque a pureza de coração é uma condição necessária para uma vida casta

Quem é puro de coração busca enxergar tudo com pureza, inclusive a dimensão sexual. Não tem medo de se reconhecer como um ser sexuado, que possui impulsos, mas é capaz de controlá-los. Por exemplo, imagine que um homem casado conheça uma mulher também casada e sinta atração por ela. No entanto, imediatamente, decide não estabelecer uma relação de proximidade, preservando a integridade de ambos. Nesse caso, esse homem pecou apenas por ter sentido atração? De forma alguma. Ele sentiu, mas não consentiu, ou seja, sentiu atração, mas não a alimentou. Afastou-se daquilo que poderia levá-los a pecar e não permitiu que esse sentimento se prolongasse.

Em outro caso, um rapaz tem uma namorada, com quem vive um namoro santo, e vê outra jovem passando pela rua. Ela chama sua atenção, mas, para não pecar contra a castidade, ele desvia o olhar. Assim como no exemplo anterior, ele não pecou. Também sentiu, mas não consentiu. Esses casos demonstram o que significa ser uma pessoa conduzida pela pureza de coração.

Diante desses exemplos, compreende-se que o problema não está em sentir o desejo, mas em alimentá-lo. O *Catecismo Jovem da Igreja Católica*, no número 462, afirma:

O nono Mandamento dirige-se não contra o desejo em si, mas contra uma apetência desordenada. A “avidez” de que a Sagrada Escritura previne é o domínio dos instintos sobre o espírito, a dominação dos impulsos sobre a totalidade da pessoa e a peca-minosidade daí suscitada.

Talvez algum jovem se pergunte: como alcançar essa pureza de coração, de modo a não se deixar conduzir por uma apetência desordenada? Com muita clareza, a Igreja responde:

A pureza de coração, necessária para o amor, atinge-se, em primeiro lugar, pela união com Deus, na oração. Quando a graça de Deus nos toca, surge um caminho para o amor humano puro e indiviso. Uma pessoa casta pode amar com um coração sincero e inteiro. Quando nos dedicamos a Deus com intuito puro, Ele transforma o nosso coração. Ele dá-nos a força para corresponder à Sua vontade e para afastar pensamentos, fantasias e desejos impuros (*Catecismo Jovem da Igreja Católica*, n. 463).

Sendo assim, é necessário que os pais orientem adequadamente seus filhos a respeito da sexualidade, para que eles cresçam de maneira equilibrada e aprendam a ordenar seus impulsos. Desse modo, quando sentirem algum desejo desordenado, não o alimentarão. Conviverão em paz consigo mesmos e com as pessoas que não lhes pertencem afetivamente, permanecendo em comunhão com Deus por meio do cumprimento dos mandamentos divinos.

Vale lembrar, por fim, que os sentimentos podem ser cultivados no contexto de um namoro santo, isto é, casto e orientado para a aliança matrimonial. Nesse caso, o relacionamento estará de acordo com o plano de Deus, e esse amor deverá ser alimentado diariamente. ●



PRECISAMOS FALAR SOBRE O SUICÍDIO!

♦ Ministério da Saúde ♦

O suicídio é um fenômeno complexo e multifatorial que pode afetar pessoas de diferentes idades, origens, classes sociais, orientações sexuais e identidades de gênero. Entretanto, pode ser prevenido. Reconhecer sinais de alerta em si mesmo ou em alguém próximo e buscar ajuda são atitudes fundamentais.

SINAIS DE ALERTA

Os sinais não devem ser analisados isoladamente, pois não existe uma forma única de identificar uma crise suicida. A atenção deve ser redobrada quando vários deles aparecem simultaneamente ou representam uma mudança significativa de comportamento.

Mudanças persistentes de comportamento: aparecimento ou agravamento de alterações emocionais, verbais ou comportamentais, especialmente quando persistem por duas semanas ou mais. Essas manifestações não devem ser interpretadas como chantagem emocional, mas como possíveis pedidos de ajuda;

Desesperança e preocupação frequente com a morte: falas recorrentes sobre morte ou suicídio, sentimento de culpa, baixa autoestima, perda de esperança e visão negativa sobre a própria vida e o futuro;

Manifestação de pensamentos suicidas: comentários que indiquem desejo de desaparecer, morrer ou deixar de viver, como:

- “Vou desaparecer”;
- “Vou deixar vocês em paz”;
- “Eu queria dormir e nunca mais acordar”;
- “Não adianta tentar mudar alguma coisa. Eu quero morrer”;

Isolamento social: afastamento de familiares e amigos, recusa em atender telefonemas, redução das interações nas redes sociais e abandono de atividades antes consideradas prazerosas;

Diminuição do autocuidado: abandono da higiene, da alimentação, de tratamentos médicos ou de outros cuidados pessoais;

Situações de vulnerabilidade: perda de emprego, dificuldades econômicas, conflitos familiares, discriminação, violência física ou psicológica, sofrimento no trabalho, perda de uma pessoa querida e presença de doenças crônicas, dolorosas ou incapacitantes.

Esses fatores não determinam, isoladamente, que uma pessoa tentará o suicídio. No entanto, precisam ser considerados quando aparecem associados a outros sinais de sofrimento emocional.

COMO PEDIR AJUDA

Pensamentos relacionados à morte ou ao desejo de acabar com a própria vida podem causar sofrimento intenso. Nesses momentos, é fundamental conversar com alguém de confiança e procurar atendimento profissional. Se necessário, peça a uma pessoa próxima que acompanhe você até um serviço de saúde.

Ao buscar ajuda, toda pessoa tem o direito de:

- ser respeitada e levada a sério;
- ter seu sofrimento reconhecido;
- falar em um ambiente reservado;
- ser ouvida sem julgamentos;
- receber orientação e acompanhamento adequados;
- ser incentivada em seu processo de recuperação.

ONDE BUSCAR AJUDA

- Centro de Valorização da Vida (CVV): telefone 188, com ligação gratuita, atendimento sigiloso e disponível 24 horas;
- Site do CVV: www.cvv.org.br, com atendimento por chat, além de informações sobre outros canais;
- Centros de Atenção Psicossocial (CAPS);
- Unidades Básicas de Saúde (UBS), postos e centros de saúde;
- Unidades de Pronto Atendimento (UPA 24 horas) e hospitais;
- Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU): telefone 192, em situações de emergência.

COMO AJUDAR UMA PESSOA EM RISCO

- Escolha um momento adequado e um lugar tranquilo para conversar;
- pergunte diretamente, com cuidado e respeito, se a pessoa está pensando em suicídio;
- escute com atenção, sem julgamentos, críticas ou tentativas de minimizar o sofrimento;
- incentive a busca por atendimento profissional e ofereça-se para acompanhá-la;
- diante de perigo imediato, não deixe a pessoa sozinha e procure um serviço de emergência;
- entre em contato com alguém de confiança indicado pela própria pessoa;
- reduza o acesso a armas, medicamentos, pesticidas e outros meios que possam ser utilizados para causar ferimentos;
- mantenha contato e acompanhe a pessoa após o atendimento inicial.

Falar sobre suicídio de maneira responsável não incentiva essa prática. Uma conversa acolhedora pode ajudar a pessoa a expressar o que sente e a encontrar o apoio necessário. ●

Ajuda imediata: se você ou alguém próximo estiver em risco neste momento, ligue para o SAMU, pelo número 192, ou procure uma UPA, um pronto-socorro ou um hospital. Para apoio emocional, ligue gratuitamente para o CVV, pelo número 188.

A FAMÍLIA CRISTÃ À LUZ DA PALAVRA DE DEUS SE TORNA UM FAROL DO EVANGELHO, E CADA MEMBRO, UM MISSIONÁRIO ATIVO NA SALVAÇÃO DO MUNDO

♦ Pe. Rodolfo Faria ♦

Estimado(a) leitor(a) da *Revista Ave Maria*, começo nossa reflexão mensal de setembro, mês da Palavra de Deus na Igreja particular do Brasil, com a proposta do livro *Atos dos Apóstolos*, na Bíblia Sagrada, como itinerário de oração e estudo para a sua família. A família é a Igreja doméstica e, como tal, busca nas primeiras comunidades cristãs a sabedoria da vida comunitária fraterna, como sinal de esperança para os tempos atuais, com tantos desafios. Portanto, unidos na escuta da Palavra, na Eucaristia, na partilha e no anúncio. Essa é a raiz do que hoje chamamos de família cristã, isto é, Igrejas domésticas vivas, missionárias e multiplicadoras.

O Documento 100 da CNBB, *Comunidade de comunidades: uma nova Paróquia*, menciona que as paróquias são células vivas da Igreja e o lugar privilegiado no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência com Cristo e leva as pessoas à comunhão eclesial. Assim como as paróquias, as famílias são chamadas a ser casas de oração e comunhão. A bem da verdade, o que fazemos em família é ajudar nossas paróquias no pastoreio das pessoas.

A família cristã precisa ser protagonista da caridade, da santidade e da fraternidade, locais de serviço para a renovação das famílias. A paróquia (assim como as famílias) não é primeiramente uma estrutura, um território, um edifício (ou uma casa); é, antes de tudo, a família de Deus.

Qual é a missão das famílias cristãs?
A missão é ganhar pessoas para
Jesus, consolidá-las na fé, torná-las
discípulas e enviá-las a servir

Cada família cristã é um lugar onde esse envio acontece de forma prática, pois acolhe quem chega, partilha a vida, anuncia a Boa-Nova, forma novos discípulos e os envia a evangelizar quando formam novas famílias.

Enquanto membros de uma Igreja doméstica, orientados pela Palavra de Deus, somos chamados, então, a ser discípulos missionários, como nos afirma o *Documento de Aparecida*. Toda família, à luz da Palavra de Deus, é discípula, pois estamos em constante aprendizado, bebendo do Espírito Santo, o qual torna nossa inteligência capaz de compreender o que muitas vezes a razão não nos permite enxergar.

Famílias missionárias porque Deus quer contar conosco para anunciar o Evangelho a todos, pois, conforme nos anuncia o Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, todos são chamados à santidade, visto que isso não é algo reservado a poucos, mas sim uma vocação universal,



um chamado divino para todos os cristãos, sobretudo para nossas famílias.

Enviada por Deus às nações para ser sacramento universal da salvação, a Igreja, em virtude das exigências interiores da própria catolicidade e obedecendo ao mandato do seu Fundador (Jesus Cristo), esforça-se por anunciar o Evangelho a todos os homens (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 849). Os fiéis leigos, em virtude do Batismo e da Confirmação, são chamados a participar da missão evangelizadora da Igreja (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 900). Aqui, a família se torna um forte instrumento de missão, pois, ao crescermos na fé, na esperança e na caridade, nos tornamos mais fortes e determinados no anúncio do Evangelho. O testemunho de vida cristã e as obras de apostolado têm força para levar os homens à fé, à Igreja e, finalmente, ao encontro pessoal e transformador com Cristo (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 905).

A missão e a visão das famílias cristãs nos recordam que a Igreja nasceu em comunidade e para a comunidade. Desde os primeiros cristãos, reunidos nas casas, partilhando a fé, o pão e a vida (cf. At 2,42-47), Deus tem chamado seu povo a viver unido, sustentado pela oração, pela Palavra e pela caridade fraterna. O mandamento missionário de Jesus, em Marcos 16,15, nos impulsiona a ir ao encontro de todos, mas as famílias nos mostram um caminho concreto: acolher com amor, cuidar uns dos outros e, juntos, formar discípulos que se multiplicam. Assim, cada casa se torna um farol do Evangelho, e cada membro, um missionário ativo na salvação do mundo.

Como nos recordou o Papa Francisco: “A comunidade é chamada a criar espaços onde se viva a fé, a esperança e a caridade, lugares de acolhida, de escuta e de fraternidade.” (Papa Francisco, *Audiência Geral*, 9/10/2013).

Viver em família não é apenas um apoio humano: é a forma como Deus nos molda, nos envia e nos sustenta na missão. Quando nos reunimos em nome de Jesus, Ele está no meio de nós (cf. Mt 18,20), e isso nos dá força para transformar as famílias com o amor do Evangelho. ●

ALIMENTAÇÃO RICA EM VITAMINAS

AJUDA A FORTALECER A IMUNIDADE

◆ Da Redação ◆



Imagem: Magnific



Manter uma alimentação equilibrada e rica em nutrientes contribui para o fortalecimento do sistema imunológico e para a prevenção de doenças. Segundo a nutricionista Luana Souza, do Hospital Dr. Ib Gatto Falcão, a alimentação diária deve incluir frutas, verduras, legumes, grãos e proteínas magras.

Entre os nutrientes importantes para o organismo e suas principais fontes alimentares, destacam-se:

Vitamina A: cenoura, abóbora, mamão e folhas verde-escuras. Contribui para a proteção da pele e das mucosas;

Vitamina D: peixes, ovos e laticínios. Também pode ser obtida por meio da exposição solar adequada;

Vitamina E: sementes, castanhas e óleos vegetais. Possui ação antioxidante;

Vitamina C: laranja, acerola e limão. Auxilia na produção de anticorpos;

Zinco: carnes, ovos, castanhas, sementes e leguminosas. Participa do funcionamento do sistema imunológico;

Selênio: castanha-do-pará, ovos, peixes e carnes. Ajuda a proteger as células contra danos.

Além da alimentação variada, algumas práticas são importantes para o bom funcionamento do organismo:

- manter uma hidratação adequada;
- consumir frutas, verduras e legumes diariamente;
- escolher proteínas magras;
- variar os alimentos durante a semana;
- evitar o consumo excessivo de alimentos ultraprocessados;
- manter hábitos saudáveis de forma contínua.

Não existe um alimento milagroso capaz de fortalecer a imunidade isoladamente. A proteção do organismo depende de escolhas saudáveis, variadas e equilibradas, mantidas diariamente. ●

O REINO DE

DEUS

Imagem: Magnific



Imagem: Reprodução / WEB

PUDIM DE SORVETE

INGREDIENTES

1 lata de leite condensado
2 latas de leite líquido (use a lata de leite condensado como medida)
4 ovos
1 lata de creme de leite
5 colheres (sopa) de açúcar

MODO DE PREPARO

Em uma panela, coloque o leite condensado, o leite e as gemas. Leve ao fogo sem levantar fervura. Quando esfriar, acrescente o creme de leite sem o soro e reserve. Bata as claras com o açúcar, na batedeira, em ponto de suspiro. Acrescente esse suspiro ao creme reservado. Coloque em forma para pudim untada com uma calda de chocolate de sua preferência. Leve ao freezer por 6 horas ou mais dependendo do seu freezer, retire e espere uns minutinhos para desenformar. Se quiser, acrescente mais calda. Sirva a seguir.

Valor calórico: 158,87 kcal.

BOLO INTEGRAL DE BANANA

INGREDIENTES

4 ovos inteiros
6 bananas-nanicas (caturras) cortadas em rodellas
½ xícara (chá) de óleo de canola
½ xícara (chá) de leite desnatado
1 xícara (chá) de farinha de trigo integral
1 xícara (chá) de aveia
2 xícaras (chá) não muito cheias de açúcar mascavo
Canela para salpicar
1 colher (sopa) de fermento em pó

MODO DE PREPARO

Bata todos os ingredientes no liquidificador com apenas 1 banana, coloque em forma untada com óleo e farinha. Ponha as rodellas de banana sobre essa massa e salpique com canela. Assar em forno preaquecido a 180 °C por aproximadamente 50 minutos.

Valor calórico: 201 kcal.



Imagem: Reprodução / WEB

HÁ BATALHAS QUE SÓ O PODER DA ORAÇÃO PODE VENCER.



Com São Miguel
Arcanjo, descubra a
força da oração, renove
sua fé e viva uma
profunda experiência
de proteção e
consagração.

ACESSE O SITE AVEMARIA.COM.BR E
NOSSAS REDES SOCIAIS PARA SABER MAIS



AM
EDITORA
AVE MARIA



LIVROS COM ATÉ 50% OFF.

Promoção válida de 01/09/2026 a 30/09/2026
Exclusivo no site.



ACESSE O SITE **AVEMARIA.COM.BR** E
NOSSAS REDES SOCIAIS PARA SABER MAIS



AM
EDITORA
AVE MARIA